



MEMÓRIAS AGROECOLÓGICAS

Número 01

Agroecologia e Economia Popular Solidária

Diamantina, 2008

Este material foi produzido a partir das vivências e contribuições dos/as monitores/as, professores/as e técnicos/as envolvidos/as no processo de *Formação de Monitores/as das Escolas Família Agrícola de Minas Gerais em Agroecologia*, durante o encontro "Agroecologia e Economia Popular Solidária" realizado em Turmalina - MG em maio de 2008. Este processo é fruto da parceria entre a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e a Associação das Escolas Família Agrícola do Estado de Minas Gerais (AMEFA) e conta com o apoio financeiro do CNPq e da FAPEMIG.

Estavam presentes monitores/as das escolas:

- EFAB - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA BONTEMPO - ITAOBIM;
- EFAC - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE CRUZÍLIA;
- EFAC - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA CEART - TURMALINA;
- EFAN - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE NATALÂNDIA;
- EFAC - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA CAMÕES - SEM PEIXE;
- EFAJ - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE JEQUERI;
- EFAJ - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE JACARÉ - ITINGA;
- EFAPF - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PAULO FREIRE - ACAIACA;
- EFAPP - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE PADRE PARAÍSO;
- EFAT - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE TABOCAL;
- EFAT - ESCOLA FAMÍLIA AGROINDUSTRIAL DE TURMALINA;
- EFAVC - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA VIDA COMUNITÁRIA - COMERCINHO;
- EFAVL - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VIRGEM DA LAPA;
- EFAPOVO - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE PONTO DOS VOLANTES;
- EFASB - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA SERRA DO BRIGADEIRO - ERVÁLIA;
- EFAPURIS - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PURIS - ARAPONGA.

Equipe do Projeto:

Professores: Claudenir Fávero, Fábio Luiz de Oliveira, Leonel de Oliveira Pinheiro e Marivaldo Aparecido de Carvalho.

Técnicos/as: Raquel Leite Braz, Idalino Firmino dos Santos e Gilmar de Souza Oliveira.

Profissionais bolsistas: Fernanda Testa Monteiro e Ricardo Borges Teodoro.

Estudantes bolsistas: Aremita A. Vieira dos Reis, Diego Mathias Natal da Silva, Linda Marçal de Oliveira Santos e Thaís Dias de Queirós.

Relatoria: Aremita A. Vieira dos Reis, Diego Mathias Natal da Silva, Linda Marçal de Oliveira Santos e Thaís Dias de Queirós.

Organização do texto final: Fernanda Testa Monteiro, Claudenir Fávero, Leonel de Oliveira Pinheiro, Idalino Firmino dos Santos e Marivaldo Aparecido de Carvalho.

Revisão Ortográfica: Geralda Luci de Oliveira

Diagramação: Fernanda Testa Monteiro e Claudenir Fávero.

SUMÁRIO

COMEÇANDO A PROSA. . .	3
A Economia Popular Solidária - EPS	3
O surgimento da EPS	9
A EPS no Brasil	12
CONHECENDO AS EXPERIÊNCIAS DA REGIÃO	15
Visita ao CAV - Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica	15
Área experimental do CAV	20
Visita à área da EFAT - Escola Família Agroindustrial de Turmalina	27
Visita ao CEART - Centro de Educação e Arte por Alternância de Turmalina	33
Visita a propriedade da Anísia e do Mauro	37
Visita à Associação Comunitária de Campo Alegre	42
REFLETINDO UM POUCO MAIS. . .	44
Algumas reflexões sobre EPS	44
O que EPS tem a ver com Agroecologia?	45
Os estágios da organização social na EPS	47
A PROSA NÃO PÁRA POR AQUI. . .	49
Referências Bibliográficas	50
ANEXO I - Metodologias utilizadas ao longo do encontro	51

COMEÇANDO A PROSA...

A Economia Popular Solidária - EPS

Para começar a conversa, iniciamos nosso encontro com uma chuva de idéias. Afinal, o que é Economia Popular Solidária - EPS? O que conhecemos como EPS?

De acordo com as idéias iniciais dos participantes EPS

- é uma economia centrada na agricultura familiar e não tem no lucro individual sua ênfase, mas sim o interesse na geração de renda coletiva já que é construída de forma organizada e participativa
- é uma economia que gera inclusão social e qualidade de vida. Tem a solidariedade, o respeito à natureza e a valorização das relações sociais de gênero como princípios
- é uma consciência coletiva e tem importantes critérios. Também leva em conta o preço justo e o benefício da população como um todo
- gera divisão eqüitativa de renda, possui gestão compartilhada, valoriza a economia de subsistência e promove o resgate cultural. A agroecologia, a compreensão, a ajuda mútua, o trabalho coletivo e o desenvolvimento sustentável são objetivos da EPS.

Quais as práticas da economia solidária? Nós praticamos EPS? Por quê?

Para algumas pessoas a EPS é uma prática distante de suas vidas, não conseguem percebê-la no seu cotidiano. Outras entendem que o fato de trocar experiências com agricultores/as, trocar sementes nas comunidades rurais e comprar produtos diretamente do agricultor/a nas feiras livres, sem utilização de agrotóxicos, são práticas de EPS. Porém, a economia solidária deixa de existir a partir do momento que se utilizam sacolas plásticas para transportar os produtos, pois essa é uma prática que não respeita o meio ambiente.

Para algumas pessoas as associações comunitárias e associações da agricultura familiar são exemplos de EPS, mas ressaltam que nem toda associação e cooperativa pode ser considerada EPS. As associações das Escolas Família Agrícola - EFA's, que são criadas por famílias e professores/as que discutem planos de educação e fazem a gestão das escolas coletivamente, são também experiências de EPS. As feiras livres, a compra coletiva de produtos e terras, os trabalhos comunitários, as trocas de serviços nas comunidades rurais, a venda direta ao consumidor, o uso de embalagens não-poluidoras, os mercadinhos de agricultores/as também são expressões da EPS.

Projetos de compra direta de produtos da agricultura familiar para abastecer escolas e hospitais locais podem se traduzir em exemplo de EPS. No entanto, o fato de a CONAB determinar o preço de compra para os produtos do agricultor/a é questionado: será que esse preço determinado é o preço justo?

Passeio pela cozinha da Escola Família Agroindustrial de Turmalina - EFAT

Após as idéias iniciais sobre EPS, fomos para um breve passeio na cozinha da EFAT para observar quais produtos havia na cozinha, qual a origem dos mesmos, como e por quem foram produzidos, como foram adquiridos, qual foi o seu custo, e perceber a cadeia produtiva - o caminho dos alimentos.

Foram encontrados vários produtos no passeio pela cozinha da escola. Produtos como arroz, carne, feijão, fubá, batata e açúcar vieram do supermercado localizado em Turmalina, comprados pela prefeitura. A escola recebe tais alimentos, mas não tem controle sobre os custos dos mesmos. Mandioca, abóbora e farinha de mandioca são compradas da agricultura familiar, também pela prefeitura. Já as hortaliças, alguns legumes, algumas frutas e parte do leite são produzidos na própria escola.

Os estudantes também contribuem na alimentação com produtos trazidos de casa. A EFAT conta com uma padaria dentro da escola onde são fabricados pães, bolos e biscoitos para uma boa alimentação. A produção da EFAT somada à ajuda das famílias não chega a 20% da alimentação total necessária para a manutenção da escola. Há forte dependência da escola em relação à prefeitura, que é quem tem o controle financeiro da mesma. O cardápio é feito de acordo com o que a prefeitura envia para a dispensa da escola e se completa com o que a escola produz. Há uma avaliação quinzenal do cardápio feita pelos estudantes que, geralmente, tem mais elogios que reclamações.

Um questionamento colocado por alguns participantes foi a importância das EFA's produzirem os alimentos necessários para o consumo interno. A EFAT expôs as limitações que vem enfrentando nesse sentido: dificuldade em relação à disponibilidade de água, falta de recursos necessários para garantir a produção de hortaliças o ano todo, solo compactado e mão-de-obra insuficiente para cuidar das plantações em geral. Foi dito, também, que os produtos que vêm de fora do município são mais baratos que aqueles produzidos no local.

Na reflexão sobre a cadeia produtiva dos alimentos e os caminhos da comercialização, pôde-se observar como as coisas estão ligadas umas às outras. De um modo geral, em nossa sociedade há forte preocupação com o lucro individual e alto consumo como sinônimo de conforto. Para muitas pessoas, acumular bens e recursos financeiros gera status social, o que é amplamente

reforçado pelos meios de comunicação. Além disso, a forma de produção de boa parte dos produtos degrada o meio ambiente. Assim sendo, há predomínio de valores como individualismo, competição, consumismo, concentração de renda em poucas mãos e pouca preocupação com a natureza. Como consequência, a desigualdade social e a degradação ambiental trazem graves problemas para a nossa sociedade.

Dentro desse sistema capitalista que valoriza a concentração de bens nas mãos de poucos e a obtenção de lucro, produzido pela exploração da mão de obra do povo, temos a lei da oferta e da demanda de produtos. Ou seja, quando se tem grande quantidade de um produto seu preço cai, quando diminui a quantidade desse produto, e muitas pessoas querem consumi-lo, seu preço aumenta.

Porém, com a industrialização de produtos em geral, inclusive na agricultura, passou-se a produzir em quantidades maiores e estocar os produtos. Dessa forma, quem passou a definir em grande parte os preços dos produtos foi o mercado. E quem é esse tal mercado? São os atravessadores, atacadistas e intermediários que passaram a definir o preço final do produto e não o consumidor. Isso se dá porque esses atravessadores estocam os produtos na safra fazendo com que tenha pouco produto disponível e o seu preço aumente. Na entressafra vendem também mais caro já que a maioria dos agricultores/as não consegue estocar produtos e somente eles têm para vender.

Para tentar contornar este jogo, o Estado (o governo) passou a ser agente regulador. Como isso acontece? O governo passou a definir o preço mínimo de alguns produtos e ele mesmo estoca produtos para vender na entressafra mais barato e forçar o atravessador a baixar seu preço.

Também é importante entender que, embora a industrialização seja um processo caro, os atravessadores conseguem colocar produtos vindos de longe mais baratos que aqueles do município em que moramos porque eles compram esses produtos baratos, nas mãos dos agricultores/as e pagam pouco para seus empregados na indústria. Além disso, as prefeituras e governos costumam não cobrar impostos desses atravessadores com o argumento de que eles geram empregos para o município. Assim, o custo de produção fica ainda mais baixo e conseqüentemente mais competitivo. Porém, essa competição é desleal já que esses atravessadores não têm o trabalho de produzir, exploram a mão-de-obra barata de seus empregados e recebem isenção fiscal (são liberados de pagar parte dos impostos).

Um exemplo dessa lógica perversa de preços são os produtos importados da China. Neste país o custo da mão-de-obra é muito baixo e pela lei de lá eles trabalham mais horas por dia do que no nosso país. Em função disso, muitas empresas multinacionais montaram suas fábricas lá, ganhando apoio do governo federal chinês, não tendo que pagar muitos impostos. Essas empresas compram a

matéria-prima barata em países como o Brasil, o que faz com que o custo de produção fique ainda mais baixo. E qual a consequência disso? Os produtos fabricados na China estão em toda parte porque mesmo sendo transportados de longe são muito mais baratos que aqueles produzidos no Brasil. Isso vem gerando graves problemas para as indústrias brasileiras, assim como na agricultura o agricultor/a sofre com os produtos de fora que chegam mais barato no município.

Comumente esses produtos da China têm qualidade inferior, assim como os alimentos industrializados. Mas nossa população não tem consciência de todo esse processo, além de ganhar baixo salário. Consequentemente buscam comprar produtos mais baratos mesmo sendo de pior qualidade. Porém, essa lógica perversa de produção e comercialização vai se mantendo, já que há grande consumo desses produtos.

Como já vimos, dentro do sistema capitalista o que prevalece é o individualismo, a competição desleal, a geração do lucro para poucos e a exploração da mão-de-obra. Tudo isso se mantém pelo alto consumismo da sociedade e falta de consciência crítica do que ocorre. Um aspecto muito importante a ser considerado é que o trabalho tanto de agricultores/as familiares quanto dos empregados das fábricas é extremamente desvalorizado no capitalismo. Isso fica evidente quando paga-se pouco pelos produtos comprados pelos atravessadores para serem industrializados e, também, devido aos baixos salários pagos aos empregados das indústrias.

O que fazer para mudar essa desvalorização do trabalho e essa lógica perversa do sistema?

Uma alternativa, que vem sendo a batalha de movimentos sociais e diversas organizações em nossa sociedade, é desenvolver uma economia baseada em outros valores. Para que isso aconteça é fundamental que agricultores/as familiares se organizem, percebam como funciona esse processo de produção - industrialização - comercialização e construam alternativas coletivamente.

No que diz respeito à produção, faz-se necessário pensar na sustentabilidade dos recursos naturais ao invés de degradar a natureza. Também é importante pensar nas pessoas que realizam a produção. Estas devem ser respeitadas e ter autonomia, ou seja, ser donas do próprio trabalho e não submetidas ao mando das indústrias. Dessa forma, a formação torna-se um instrumento fundamental de conscientização. Também é preciso ter claro o custo da produção para formar o preço dos alimentos/produtos.

Ao se pensar em beneficiamento, é importante refletir sobre qual a demanda que se tem pelos produtos nos locais em que serão vendidos para se fazer boas escolhas. Os custos de beneficiamento, embalagem de acordo com as normas exigidas pela lei e transporte para comercialização também têm que ser

considerados na formação dos preços. As ações de comercialização de produtos beneficiados ou não também têm custo e exigem estrutura como transporte e local de venda de acordo com a quantidade de produtos. Em geral, maior quantidade de produto diminui custo de beneficiamento e comercialização e dá maior condição de negociação de preços com atravessadores e consumidores.

Como se pode perceber, toda essa trajetória exige reflexão e planejamento. A saída encontrada para se ver livre do atravessador e conseguir trabalhar o beneficiamento dos produtos é a organização social baseada em princípios bem diferentes do capitalismo. Esses princípios levam em conta valores como *solidariedade* ao invés de competição desleal; *cooperação* e espírito coletivo ao invés de individualismo; *autonomia, gestão compartilhada e propriedade comum* ao invés de exploração da mão-de-obra do povo e concentração dos bens e do lucro nas mãos de empresários; *geração de renda* para criar *qualidade de vida* ao invés do benefício de poucos e miséria de muitos.

Dentro dessa concepção, os consumidores também cumprem um papel fundamental ao serem conscientes de seu consumo. Ou seja, precisam também ser formados para perceberem a importância de consumir produtos locais e de qualidade, originados a partir de valores diferenciados e mais justos, ao invés de exercerem consumismo inconsciente. O Estado como agente regulador, que deve promover o benefício de todos/as, deve também desenvolver políticas públicas que favoreçam essa concepção de economia e, conseqüentemente, fortaleçam a agricultura familiar na promoção de um desenvolvimento local e sustentável que valorize e respeite a cultura popular.

É nesse contexto que a agricultura familiar vem buscando estabelecer associações e cooperativas de atividades econômicas como produção, compra e venda de produtos, educação, crédito, entre outros, sob a forma coletiva e autogestionária na construção da Economia Popular Solidária. A economia popular solidária se constitui como um campo filosófico, político, social e econômico mais adequado aos interesses dos trabalhadores/as, visto que nela os meios de produção, comercialização e crédito são utilizados em função dos interesses dos mesmos, pois estes são donos de sua força de trabalho.

Conforme ilustração e conceituação a seguir, solidariedade, cooperação, autogestão e atividade econômica são princípios fundamentais da uma economia popular e solidária (MANCE, 2003).



1

Cooperação

Existência de interesses e objetivos comuns, união dos esforços e capacidades, propriedade coletiva parcial ou total de bens, partilha dos resultados e responsabilidade solidária diante das dificuldades.

Autogestão

Exercício de práticas participativas de autogestão nos processos de trabalho, nas definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, na direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses.

Atividade Econômica

Agregação de esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, prestação de serviços, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo.

¹ Ver in: Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005.

Solidariedade

Preocupação permanente com a justa distribuição dos resultados e a melhoria das condições de vida dos participantes. Comprometimento com o meio ambiente saudável e com a comunidade, com movimentos emancipatórios e com o bem-estar de trabalhadores/as e consumidores.

O surgimento da EPS

A EPS surgiu na busca de respostas para formas de *inclusão social*; *reconstituição* progressiva da *vida* individual e coletiva; geração de *cidadania popular* e *ações propositivas* de maior alcance através de *alternativas* de vida econômica e social. Alguns exemplos de EPS são: projetos comunitários, coletivos de assentamentos rurais, empresas recuperadas, cooperativas de trabalho / serviços, bancos populares, galpões de reciclagem.

O trabalho é a questão central para a diferenciação dos modelos econômicos, pois na EPS o trabalhador/a é dono do seu próprio trabalho e no modelo capitalista, na maioria das vezes, o trabalhador/a vende seu trabalho para o dono da empresa.

Remeter-se às raízes históricas da EPS é remeter-se às raízes históricas da sociedade de mercado capitalista e à busca de alternativas a esse modelo de organização social, política e econômica. No século XVIII, surgiram as primeiras iniciativas de contestação ao modelo de sociedade capitalista burguesa fortalecido pela Revolução Industrial na Inglaterra e pela Revolução Francesa.

Vamos agora conhecer melhor essas raízes ou linhas de pensamento que basearam a EPS:

Socialismo Utópico

Na primeira metade do século XIX, o socialismo surgiu como resposta crítica à industrialização e às teorias que buscavam justificar essa industrialização. As bases desse socialismo assentam-se em argumentações mais de ordem moral do que econômica. Esta linha de pensamento procurava romper com o individualismo da sociedade burguesa por meio da criação de modelos alternativos de sociedade baseados no comunitarismo. Foi denominada de socialismo utópico, tendo como seus principais pensadores: Saint-Simon; Robert Owen; Charles Fourier e Proudhon. Foram os socialistas utópicos que inauguraram as idéias de cooperativismo e bancos de crédito popular (FERREIRA, 2006).

Socialismo Científico

A partir da segunda metade do século XIX, surgiu o chamado Socialismo Científico ou Marxismo, que lançou seus princípios, métodos e formas de análise da sociedade burguesa capitalista. Esta linha de pensamento desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels é também conhecida como Socialismo Marxista. A diferença dessa linha de pensamento para o Socialismo Utópico é apresentar análise crítica da realidade política e econômica da história, da sociedade de classe e do capitalismo. Para a formulação de suas teorias, Marx sofreu influência do filósofo Hegel e dos socialistas utópicos (LOWY, 1985).

Marx e Engels valorizavam os socialistas utópicos pelo seu pioneirismo, porém defendiam uma ação mais prática (via revolucionária) e direta contra o capitalismo através da organização da classe proletária na luta contra a classe burguesa. No plano da reflexão do pensamento econômico, a interpretação marxista da sociedade burguesa pela "Teoria do Valor"² faz uma leitura profunda e radical dos pilares que sustentam a sociedade "urbana e industrial". Essa leitura influenciou (e ainda influencia) os movimentos sociais na luta pelas transformações sociais, sendo forte referência na EPS.

Humanismo Cristão

Esta linha de pensamento é definida em dicionários como sendo "uma filosofia que defende a auto-realização humana dentro da estrutura dos princípios cristãos". Essa fé com maior direcionamento humano é em grande parte produto do movimento Renascentista ocorrido na Europa e representa um aspecto daquilo que produziu o humanismo da Renascença. Conhecido como **Humanismo Moderno** é também chamado Humanismo Naturalista, Científico, Ético e Democrático. Foi definido por um dos seus principais pensadores, Corliss Lamont, como "uma filosofia naturalista que rejeita todo supernaturalismo e se baseia sobre a razão e a ciência, sobre a democracia e a compaixão humana". O Humanismo Moderno tem uma base tanto secular quanto religiosa (LAKATOS, 1978; FERREIRA, 2006). Tal linha de pensamento também influenciou a EPS.

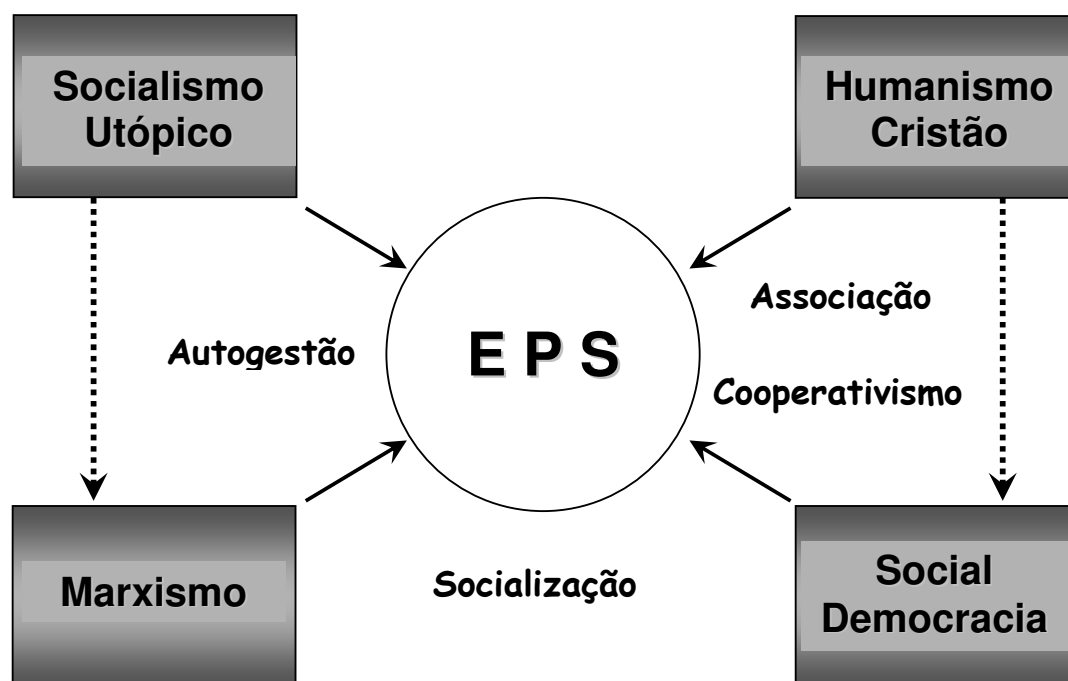
Social-Democracia

Social-Democracia é a forma ideológica que surgiu no final do século XIX e início do século XX por partidários do marxismo que acreditavam que a transição para uma sociedade socialista poderia ocorrer sem revoluções, mas sim, por meio de uma evolução democrática. A ideologia social-democrata defende uma reforma legislativa gradual do sistema capitalista a fim de torná-lo mais igualitário,

² Ver in: Marx, K. O Capital. Vol. I e II.

geralmente tendo como meta uma sociedade socialista. Esta linha de pensamento também contribuiu com a EPS (LOWY, 1985).

A partir da junção dessas diferentes linhas de pensamento foi, e vem sendo pensada a **Economia Popular Solidária**. A figura abaixo mostra como essas linhas de pensamento deram bases para os princípios da EPS.



Dessa forma, a EPS estrutura-se a partir de empreendimentos econômicos solidários que são organizações sociais para geração de trabalho e renda baseadas em princípios de: autogestão, democracia, participação, igualdade, cooperação no trabalho, sustentabilidade e compromisso social.

O grande estímulo da EPS é a força do trabalho associado. Porém, este é um grande desafio já que muitas pessoas perderam o estímulo da iniciativa ao se acostumarem a receber ordens. A autogestão estimula a solidariedade, favorece o despertar para a cidadania e todos/as os participantes da organização deve se envolver no processo de tomada de decisões. Portanto, a real participação de todos/as os associados/as ou cooperados/as é fundamental. Para isso é preciso ter compreensão dos objetivos e do trabalho a ser realizado.

Assim sendo, tem-se: eleições diretas; decisões coletivas, contando com todos/as os sócios; acesso de todos/as aos registros e informações;

predominância de trabalhadores-sócios; participação de sócios/as na gestão cotidiana e equilíbrio e igualdade entre homens e mulheres.

Os empreendimentos solidários são organizados na forma de cooperativas e associações e esses empreendimentos mantêm laços estreitos com movimentos sociais, entidades civis e Estado (Governo). Entende-se como movimento social um grupo de pessoas que se articula para buscar os mesmos objetivos na transformação da sociedade (STR, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, etc.).

A EPS no Brasil

A economia popular solidária resgata as lutas históricas dos trabalhadores/as que tiveram origem no início do século XIX. Esse resgate se dá sob a forma de cooperativismo como uma das formas de resistência contra o avanço avassalador do capitalismo industrial. No Brasil, a EPS ressurgiu no final do Século XX como resposta dos trabalhadores/as às novas formas de exclusão social e exploração no mundo do trabalho.

As mudanças econômicas e sociais ocorridas no mundo nas últimas décadas fragilizaram o modelo tradicional de relação capitalista de trabalho. O aumento da informalidade e a precarização das relações formais de trabalho tornaram-se uma tendência levando ao aumento do desemprego. Isso forçou, e continua forçando, trabalhadores/as a se sujeitarem a trabalhos em que seus direitos sociais não são atendidos para garantir sua sobrevivência.

Por outro lado, o fortalecimento dessa crise abriu espaço para o surgimento e avanço de outras formas de organização do trabalho, consequência, em grande parte, da necessidade dos trabalhadores/as encontrarem alternativas de geração de renda. Experiências coletivas de trabalho e produção vêm se disseminando nos espaços rurais e urbanos, através das cooperativas de produção e consumo, das associações de produtores, redes de produção, consumo e comercialização, instituições financeiras voltadas para empreendimentos populares solidários, empresas de autogestão, entre outras formas de organização³.

No Brasil, é comum ver grupos informais ou formais de produção e ou consumo (agroindústrias, mercados populares, feiras livres, associações e cooperativas) como forma de EPS. Geralmente estes projetos são possíveis em

³ Ver in: [www.mte.gov.br/economia solidária](http://www.mte.gov.br/economia%20solidaria)

função de laços familiares, espírito comunitário, movimentos sociais e políticas públicas (a partir do governo) que apoiem essas iniciativas.

É importante estabelecer as diferenças entre Associação e Cooperativa (quadro seguinte).

	COOPERATIVA	ASSOCIAÇÃO
	Sociedade de pessoas	Sociedade de pessoas
Objetivo	Prestação de serviços econômicos ou financeiros	Realizar atividades assistenciais culturais, esportivas, filantrópicas, etc.
Constituição	Mínimo de 13 cooperados	Não existe um número mínimo de pessoas para sua constituição
Voto	Direito a voto (um por cooperado)	Direito a voto (um por associado)
Pagamento	Os cooperados subscrevem quotas-partes para formar o capital da Cooperativa	Os associados pagam uma mensalidade para sua manutenção
Lucro	Pode gerar sobras	Não gera excedente
Legislação	Legislação própria - <u>Lei Federal nº 5764/71</u>	Regulamentada pelo Código Civil - " <u>O Novo Código Civil</u> "
Registro	Registrada na Junta Comercial do Estado	Registrada no Cartório de Registros de Títulos e Documentos do Município onde ela estiver localizada

Fonte: FERRAZZA (2006).

Dentro dessas experiências de geração de renda, temos:

- projetos assistencialistas: visam atender demandas para a sobrevivência das pessoas com efeito imediato, mas gera dependência das pessoas em relação aos políticos.
- projetos promocionais: visam atender necessidades básicas para a subsistência das famílias, como doação de tratores, mas não se pensa na continuidade do projeto a longo prazo. Muitas vezes há grande dificuldade de

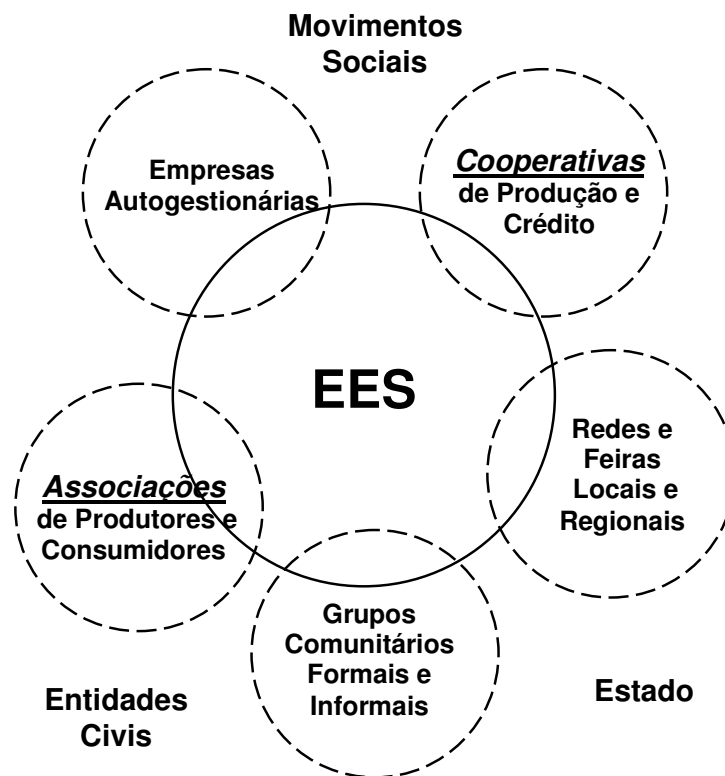
se manter o projeto , como por exemplo, quando a comunidade não consegue manter o trator que tem alto custo de manutenção.

- projetos autogestionários: visam desenvolver empreendimentos solidários sustentáveis. Para isso é necessário ter organização social e todos/as trabalhareem juntos planejando, passo a passo, a construção das alternativas.

A EPS sofreu enorme expansão nas últimas décadas. Além dos empreendimentos e entidades de apoio da sociedade civil, articularam-se Fóruns Regionais, Estaduais e Nacional, Organizações Não-Governamentais - ONG's, Sindicatos e uma série de novos atores sociais. No plano dos governos de políticas públicas foi criada, na estrutura do governo Federal, a Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES⁴, pelo Presidente Lula, em junho de 2003, vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

A criação dessa secretaria é resultado da proposta apresentada ao Presidente Lula pelos movimentos sociais e sociedade civil organizada através do Grupo de Trabalho (GT) da Economia Solidária. A SENAES criou o Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Mais precisamente, foram as entidades de fomento dos empreendimentos solidários que, num primeiro momento, participaram mais ativamente da criação do Fórum Brasileiro. As cooperativas e associações formam redes para fortalecer o movimento de EPS no Brasil.

⁴ Ver in: <http://www.campus-oei.org/salactsi/Teconologiasocial.pdf>



EES - Empreendimentos de Economia Solidária.

Em 2005, foi realizado o diagnóstico de construção do Atlas da Economia Solidária no Brasil. Foram identificados 14.954 Empreendimentos Econômicos Solidários em 2.274 municípios do Brasil (o que corresponde a 41% dos municípios brasileiros). Há uma maior concentração dos EES na região Nordeste - 44%. O restante (56%) está distribuído nas demais regiões: 13% na região Norte, 14% na região Sudeste, 12% na região Centro-Oeste e 17% na região Sul. (MTE, SENAES, 2006.).

CONHECENDO AS EXPERIÊNCIAS DA REGIÃO

Visita ao Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica - CAV

Em nossa visita ao CAV, fomos recebidos inicialmente pelo técnico Boaventura que nos contou um pouco sobre a história da entidade e o que vem sendo trabalhado no âmbito da EPS junto aos agricultores/as da região.

O CAV foi criado através do movimento sindical do município - Sindicato de Trabalhadores Rurais - STR de Turmalina. Este STR surgiu a partir da necessidade de agricultores/as familiares se organizarem na luta por melhores condições de vida e para tentar influenciar nas políticas públicas de governo.

Dentro do STR havia a divisão de agricultura que fazia debates sobre a necessidade de se buscar formas alternativas para a produção agrícola ao invés de adotar o pacote tecnológico da Revolução Verde, amplamente divulgado pelo governo nas décadas passadas. Esse pacote fomentava a utilização de adubos químicos e agrotóxicos que, além de nocivos à saúde humana e poluir o meio ambiente, endividavam os agricultores/as familiares da região por serem caros.

"O governo abafava o movimento sindical doando venenos, adubos, enxadas etc. Isso causava grande contrariedade, principalmente devido ao fato das sementes distribuídas serem híbridas, o que causava grande dependência de adubos químicos, corretivos e agrotóxicos, já que híbridos são muito exigentes e perdem o vigor de uma geração para outra" - Boaventura.

No início dos anos 90, o STR fez parceria com uma entidade alemã (SACTES). Esta entidade enviou um técnico experiente em sistemas produtivos sustentáveis que questionou as práticas degradantes que agricultores/as locais vinham realizando a partir do pacote tecnológico utilizado. Os próprios agricultores/as já percebiam os efeitos dessa degradação ambiental e as dificuldades econômicas para manter esse tipo de produção.

"O latifundiário, para produzir, exaure todos os recursos da área e muda de local quando acaba com tudo. Já o agricultor familiar precisa preservar, pois não tem como mudar de área" - Boaventura.

Outro aspecto relevante é que a região sempre teve forte migração de agricultores/as familiares para o corte de cana em São Paulo e colheita de café no Sul de Minas, em busca de recursos financeiros. Dessa forma, buscar o fortalecimento da produção agroecológica era também uma maneira de melhorar as condições de vida das famílias da região.

Foi nesse contexto que, em 1994, o CAV foi fundado como uma entidade da sociedade civil sem fins lucrativos para assessorar as organizações sociais da agricultura familiar na busca de um desenvolvimento sustentável para a região. A entidade conta com um centro de experimentações com técnicas de sistemas sustentáveis mais adequadas à agricultura familiar.

"Eu pensava que São Pedro abria as torneiras do céu e mandava a chuva, hoje eu sei que existe um ciclo e é preciso respeitá-lo" - Boaventura.

Atualmente o CAV vem trabalhando com os seguintes programas: Sistema Agroflorestal (SAF), Águas e Nascentes, Formação e Mobilização para a

Convivência com o Semi-Árido (P1MC), Apoio a Grupos de Mulheres e Relações Sociais de Gênero e Economia Popular Solidária (EPS).

Segundo Boaventura muito se avançou no que diz respeito à organização social da região e a alternativas de produção. A partir daí veio a demanda de se trabalhar o beneficiamento e comercialização de produtos da agricultura familiar. A opção feita foi a EPS que vem "contra a maré" do sistema capitalista, com o objetivo de criar alternativas de superação de problemas causados por esse modelo econômico, já que o modelo atual (capitalismo) é excludente e se fortalece com isso, causando segregação e individualismo, em que a grande lógica é beneficiar-se "derrubando" o outro.

"O capitalismo cria a ilusão de que o dinheiro vai resolver o problema e esquece de discutir o problema" - Boaventura.

Para Boaventura, o capitalismo é muito forte no mundo e no caso brasileiro a história de degradação sócio-ambiental inserida culturalmente é muito forte. Com a chegada da Revolução Verde, outras formas de produção foram substituídas. Antigamente, apesar de algumas práticas agrícolas não serem as mais corretas para o ambiente como o uso do fogo, ocorriam muitas trocas de produtos entre os agricultores e agricultoras. O Vale do Jequitinhonha sempre produziu cachaça, rapadura, toucinho, milho, etc. Estes produtos eram trocados por outros não produzidos na região como o sal e o tecido, por exemplo.

Com a chegada de alguns produtos originados dos "grandes" (exemplo: óleo de soja), os produtos nativos foram sendo eliminados (exemplo: toucinho). Assim também acontece com as pessoas que saem para o corte de cana. Elas adquirem dinheiro e preferem comprar o açúcar cristal ao invés da rapadura do município, o que fortaleceria a economia local. A partir dessa constatação foi que o CAV percebeu que era preciso achar um outro caminho. De um lado tinha a força do capital e de outro, uma minoria que não concordava com o modelo imposto. Surgiu, assim, o trabalho com a EPS.

"O capitalismo cria expectativas de que o dinheiro vai resolver todos os problemas. Com isso, nós cedemos e fomos sendo adestrados pelo sistema capitalista, ocorrendo a desestruturação da família e da sociedade" - Boaventura.

Atualmente o CAV vem trabalhando com algumas linhas de ação dentro do programa de EPS: grupo da apicultura contando com uma associação com ampla atuação regional e beneficiamento do mel; grupo da produção de hortaliças e frutas com participação e fortalecimento das feiras livres de alguns municípios; associações de artesanato em alguns municípios; grupo da cana com produção de cachaça e açúcar mascavo.

Segundo Boaventura, a EPS é muito divulgada e pouco praticada. É preciso compreender que não se pode realizar toda a cadeia (produção - beneficiamento -

comercialização) individualmente. É necessário que agricultores/as com interesses em comum se associem formando a base para a EPS. Para isso, é fundamental a **participação de todos/as** através de discussões com diferentes pontos de vista a fim de buscar a superação das dificuldades conjuntamente. Lembrando sempre da importância do compromisso com o consumidor dos produtos da agricultura familiar.

É preciso ter organização para obtenção de um produto de qualidade. O primeiro desafio é conseguir espaço dentro do "mercado" e o segundo desafio é a manter a **solidariedade** e a **cooperação** entre os agricultores/as. Há casos de ruptura de grupos organizados porque uns se aproveitam individualmente dos espaços de venda tão batalhados para serem conseguidos. Isso traz muita tristeza, já que somente alguns passam a se beneficiar de todo o trabalho feito coletivamente. **O caminho é superar o individualismo, manter o "mercado" já conquistado e buscar "mercados" ainda não articulados para ampliar a rede de produção e consumo solidário.**

Outro problema enfrentado pelos agricultores/as familiares é a decadência das estruturas de beneficiamento. Os incentivos governamentais para os "grandes produtores" são bem maiores do que para os agricultores/as familiares. Assim, é preciso pressionar o governo para ampliar o apoio à agricultura familiar (crédito, apoio à comercialização, etc.).

A estratégia utilizada pelo CAV para a mobilização e articulação de agricultores/as foi reunir as pessoas que trabalham com os mesmos produtos para articularem ações conjuntas somando esforços. Acreditam que a troca de experiências contribui para a solução dos problemas individuais e coletivos. Os grupos foram organizados da seguinte forma: cana, mel, hortaliças e artesanato. A partir daí, criaram-se estratégias de ação para os diferentes grupos. Há formação das pessoas envolvidas na organização da produção e no beneficiamento de produtos. Além disso, busca-se espaço para os produtos no "mercado". Dessa forma, promove-se geração de renda e fortalecimento da agricultura familiar na região.

Os técnicos do CAV não têm percebido falta de mercado para os produtos desses grupos como o principal problema para que o produto seja vendido. Afirmam que o primeiro desafio da comercialização começa em casa. O município tem que perceber a importância da agricultura familiar para a geração de empregos e apoiar esse segmento. Além disso, é muito importante formar o agricultor/a para atender as exigências do mercado referentes às questões de qualidade do produto, higiene, rótulo, procedência, sanidade, etc. A falta de acesso do agricultor/a familiar à infra-estrutura dificulta o processo e isso é demanda para o poder público em geral.

Não se pode perder de vista os princípios da EPS, como solidariedade e cooperação, nos processos de formação para evitar o individualismo e fortalecer a agricultura familiar.

"Mercado tem, está cheio de boca querendo comer. E gente solidária para comprar também tem." - Boaventura.

O CAV participa da rede estadual de EPS. Dentro do movimento de EPS são realizadas feiras estaduais e nacionais que são boas estratégias de buscar contatos para venda de produtos em diferentes lugares. É a possibilidade de se encontrar compradores e fazer vendas maiores.

Um trabalho que vem ganhando espaço são as feiras livres municipais do Vale do Jequitinhonha. Isso é visto pela entidade como desenvolvimento sustentável, pois fortalece a economia local. Quando não há feira livre no município as pessoas compram seus alimentos no supermercado e o dinheiro não circula no município, já que os produtos são de longe. Já quando há feira livre, os produtos são da agricultura familiar do município e, portanto, o dinheiro circula no local fortalecendo a sua economia.

Com relação à cana-de-açúcar, foram feitas vendas coletivas de açúcar mascavo, mas houve problemas internos no grupo. Apesar disso, soluções estão sendo trabalhadas. A cachaça também é um produto que vem sendo usado para fortalecer a economia.

Na apicultura, a Associação dos Apicultores do Vale do Jequitinhonha - APIVAJE foi criada para defender interesses em comum dos apicultores, que inicialmente eram poucos. A sede encontrava-se em Minas Novas e foi transferida para Turmalina, no ano de 2002, para facilitar o acesso de outros associados. Pouco a pouco, a atividade foi se fortalecendo e hoje a associação possui 180 associados e vários parceiros como o CAV, a Prefeitura de Turmalina, o Ministério de Desenvolvimento Agrário - MDA, o Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE e outros. Atualmente, a APIVAJE abrange 14 municípios. Com a instalação do entreposto de mel, que está sendo construído em Turmalina, mais oito municípios serão abrangidos.

A criação da APIVAJE e do novo entreposto de mel, facilitará a comercialização com a obtenção do Selo de Inspeção Federal - SIF possibilitando a venda dos produtos para outros estados do Brasil. A associação tem procurado diversificar a oferta de produtos como a venda de mel em sachês.

Houve grande preocupação dos apicultores com a queda do preço do mel quando o produto brasileiro foi "barrado" no exterior e, conseqüentemente, muitos agricultores deixaram de produzir. Agora, é necessário trabalhar para aumentar a produtividade, agregar valor e variar as estratégias de venda para driblar os empecilhos colocados pelo mercado.

O presidente da APIVAJE, Elmo, contou que para o processo de gestão da associação ser bem sucedido é preciso ter organização para acessar recursos públicos e aproveitar ao máximo as parcerias. A melhor forma para poder gerir sua própria produção é através de associações e cooperativas, pois sozinho não há como se sobressair no mercado.

Foi comentada pelos participantes do encontro a importância de fazer com que os apicultores associados tenham o estímulo de se sentirem donos da associação, para que a gestão possa ser o mais participativo e democrático possível.

"A EPS tem começo e meio, mas não tem fim" - Boaventura.

Área experimental do CAV

Depois da conversa sobre EPS, foi realizada uma visita na área experimental do CAV conduzida e orientada pelos técnicos do CAV, José Murilo e João Antônio.

Casa de beneficiamento de mel

Iniciamos a visita à casa de beneficiamento de mel que vai ser reformada para se adequar às exigências da Vigilância Sanitária. Foi reforçada a idéia de agregação de valor no produto para comercialização. Por exemplo: o mel in natura é vendido por R\$ 2,50 o quilo e o mel embalado em sachês é vendido a R\$ 10,00 o quilo. Desses R\$ 10,00, R\$ 3,00 representam o custo de produção, sobrando R\$ 7,00 de lucro para o apicultor/a.

Daí a importância de agregar valor ao produto e para isso o associativismo é fundamental, já que as instalações e maquinários de beneficiamento são caros. Além disso, a união das pessoas em torno dos problemas comuns fortalece a solidariedade e a cooperação, tão importantes para se buscar boas alternativas de vida.

Desidratador de frutas

Na área do CAV há um desidratador de frutas, que também é uma forma de agregar valor e aumentar o tempo de prateleira do produto. As frutas mais utilizadas para a desidratação são: banana, manga e abacaxi. As bananas levam 24 horas para desidratar; o abacaxi, 36 horas; o tomate fatiado, uma semana e o tomate inteiro, 15 dias.

O desidratador foi construído de forma a captar ao máximo o calor gerado pelos raios do sol. Por isso, ele foi construído no sentido norte-sul para a

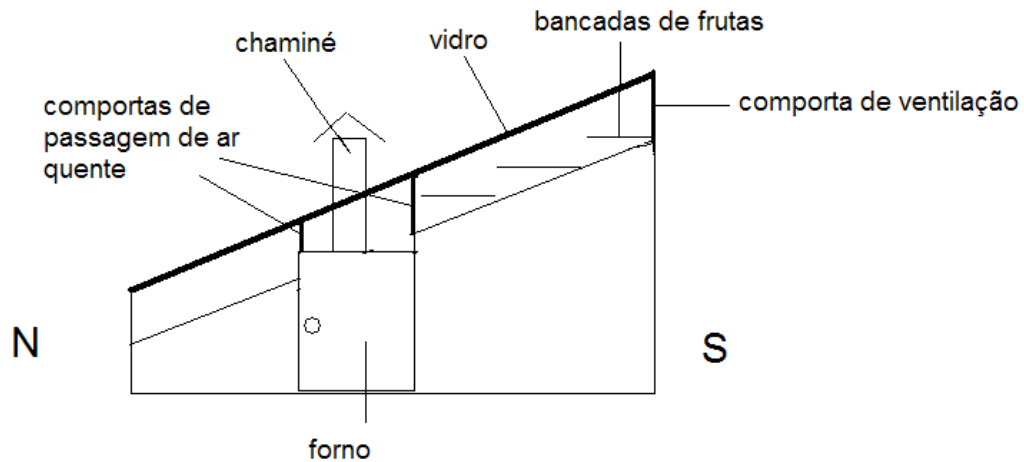
incidência de raios solares ser homogênea, ou seja, aquecer todas as partes do desidratador da mesma forma, captando o máximo de calor possível. São utilizados vidros para fazer um efeito estufa de captar e manter o calor gerado pelo sol por mais tempo dentro do desidratador. O calor também pode ser gerado pelo forno a lenha em dias frios ou mesmo para acelerar o processo de secagem das frutas.

O sentido em que o sol atravessa o céu é um pouco inclinado para o norte (N). Por isso, a parte mais alta do desidratador, onde ficam as frutas, é construída ao sul (S) para captar o máximo de raios do sol e aquecer ao máximo as frutas, acelerando o processo de secagem. Estando inclinado de frente para o norte (N), o desidratador fica durante todo o dia de frente para o sol captando a energia solar.

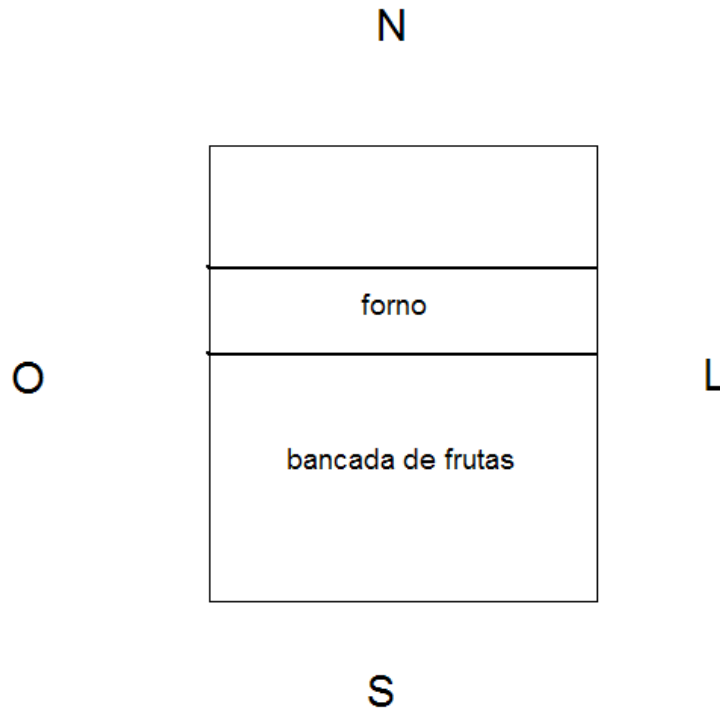
Outro motivo importante dessa inclinação do desidratador é que o ar quente acumulado pelo forno a lenha nas partes baixas sobe para a parte mais alta onde se localizam as frutas.

Abaixo temos o desenho do desidratador.

- Vista de lado do desidratador de frutas do CAV:



- Vista de cima para baixo do desidratador do CAV:



Observações: L - leste, O - oeste, N - norte e S - sul no desenho.

Curral

No curral da área do CAV são mantidas, atualmente, duas vacas mestiças que foram inseminadas artificialmente. Na época das águas, as vacas pastejam em piquetes da propriedade e recebem suplemento de ração e capim, já que a área que dispõem para pastejo é pequena. Passam boa parte do tempo presas para evitar degradação ambiental causada pelo pisoteio, facilitar o manejo (coleta de esterco, ordenha e evitar que o animal se machuque) e fornecer um trato de qualidade (maior controle da alimentação). Na seca, as vacas ficam a maior parte do tempo presas e se alimentam de ração e cana com uréia e enxofre, mas sempre vão ao pasto para manter seu bem-estar.

O curral fica instalado na parte superior da propriedade para facilitar a adubação dos plantios que estão abaixo e também porque fica mais próximo à área de pasto. A silagem perdida e o capim impróprio para a alimentação das vacas são utilizados no chão do curral para maior retenção da urina dos animais, o que depois é incorporado no composto utilizado na adubação das frutíferas.

Algumas pessoas pensam ser melhor possuir menos vacas cuidadas com bom capim e ração, produzindo mais, do que muitas vacas produzindo pouco leite. Já outras pessoas preferem criar as vacas de leite somente com capim, sem uso de ração comprada. Elas produzem menos, mas em compensação têm um custo

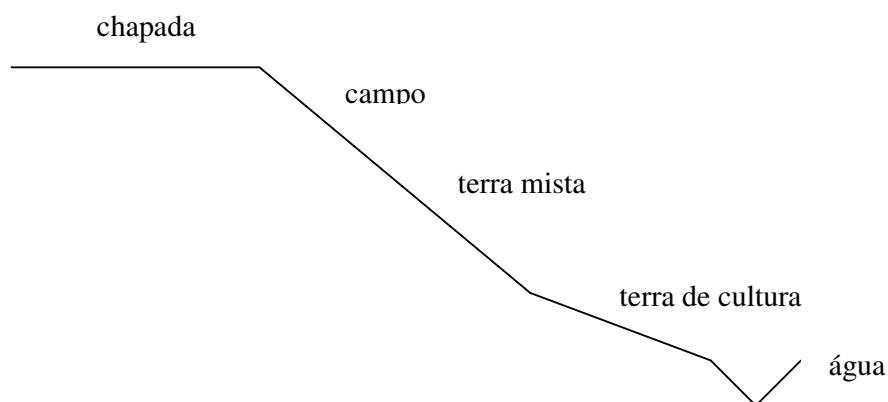
menor. Vale ressaltar que é sempre importante manter os animais bem cuidados para evitar doenças. Além disso, existem rações alternativas de boa qualidade que podem ser preparadas com os produtos da propriedade. A cana é boa opção para a época da seca porque é como um "silo em pé" que conserva o alimento com boa qualidade para as vacas.

Pocilga

Os porcos recebem alimentação produzida na propriedade, principalmente lavagem. O esterco dos porcos também é utilizado na compostagem. Existe também um piquete ao lado da baia para os animais pastejarem e fazerem exercícios, mantendo o bem-estar dos mesmos.

Sistema Agroflorestal

A área do CAV apresenta diferentes ambientes: a baixa, denominada de "terra de cultura", devido à riqueza de nutrientes; a "terra mista", na encosta, que é menos apropriada para plantio de roça e onde já se encontram algumas frutas nativas do cerrado; o "campo" que é utilizado para pastagem e onde se encontra frutas típicas como o Pequi, sendo a terra pobre em nutrientes e mais ácida. Acima da área do CAV encontra-se a chapada.



A área do CAV pertencia ao STR de Turmalina e tinha como objetivo fazer experiências em busca de formas mais sustentáveis de produção. No início, plantavam culturas como o arroz, na várzea próxima do córrego; milho e feijão, na terra de cultura. Para fazer esses plantios, preparavam o solo com uso intenso de máquinas e utilizavam irrigação e muito adubo químico. A área era infestada com braquiária. Na primeira safra tiveram uma boa produção, mas depois essa produção foi caindo.

Um tempo depois começou a faltar água e a partir daí começaram a repensar esse sistema e buscar alternativas. O STR percebeu que essa forma de produzir não era adequada para o agricultor familiar do Vale do Jequitinhonha, porque além de ser ruim para a terra, o valor obtido com a produção não pagava os custos. Foi quando conheceram o agricultor suíço Ernest Gotsch que discutiu com o CAV a implantação de um Sistema Agroflorestal (SAF) para a recuperação e produção sustentável da área. Desde então, perceberam a necessidade de aprender a produzir com a natureza. De acordo com os técnicos do CAV, o SAF é um tipo de agricultura que produz alimentos para a família, para a comercialização, para a natureza e para a terra. Combinam-se várias plantas num consórcio diversificado.

No SAF se utiliza árvores, arbustos e ervas rasteiras cultivadas juntas para o manejo do solo e a produção de alimentos em sintonia com a natureza do lugar. Nesse sentido, são consorciadas plantas madeireiras, adubadeiras, alimentícias, medicinais e forrageiras e cada espécie é implantada no momento e espaçamento adequado para o seu desenvolvimento de acordo com suas necessidades de luz, nutrientes e estrutura da planta (altura e tipo de copa). A combinação de culturas anuais (milho, feijão etc.), hortaliças e frutíferas, de ciclo de vida curto, com espécies florestais e frutíferas, de ciclo de vida longo, permite a colheita de vários produtos desde o primeiro ano de implantação até o longo prazo.

No início, foram plantadas muitas espécies numa mesma área e depois reduziram a quantidade de plantas para viabilizar o sistema e foi cortada a adubação química. A primeira preocupação foi com a falta de água no solo: observaram que o solo estava desprotegido e plantaram capim elefante para cobrir o mesmo. As plantas espontâneas (o mato) e o capim cresceram muito e foram manejados (roçados e distribuídos em toda a área). O capim chegou a invadir a área, mas depois os técnicos foram entendendo o processo e a necessidade de implantar um SAF adequado àquela situação, diversificando ao máximo, dando prioridade à cobertura do solo e observando sempre a sucessão.

"Não existe terra ruim, tem que descobrir qual a cultura ideal para cada momento" - José Murilo.

Em seguida, foram plantadas espécies arbóreas como a Leucena para sombrear e diminuir o capim e enriquecer o solo (essa planta é uma leguminosa que possibilita a fixação de nitrogênio no solo). O processo foi dando certo e animando o pessoal. Embora desacreditado por muitas pessoas, o CAV continuou o trabalho já sabendo que não seria fácil.

Após a cobertura do solo, preocuparam-se com a diversidade de espécies dentro da área, pensando na sustentabilidade. Introduziram mais leguminosas para melhorar a qualidade do solo - Feijão-andu e Feijão-bravo-do-Ceará - que

são mais rústicos. Utilizaram a palhada para cobertura e acabaram com os sistemas de quadras (separação das culturas em diferentes áreas). Para constituir o SAF plantaram culturas comerciais com não-comerciais. A sucessão de plantas se deu com a implantação do abacaxi, que se desenvolveu mais, e da mandioca. Depois passaram a plantar Feijão-de-porco para adubação verde.

A Mucuna-preta e o Lab-lab (leguminosas também utilizadas para adubação) foram implantadas no sistema quando o processo estava mais avançado, assim como o milho e o feijão que são plantas mais exigentes. Foram feitas adubações utilizando esterco e composto orgânico e sempre houve plantas servindo de adubo para outras. Só depois de cinco anos de trabalho é que se percebeu uma boa melhoria do solo. Aí foram plantadas frutíferas (manga, banana e citrus), tomando sempre muito cuidado com a bananeira porque quando ela cresce provoca grande sombreamento, por isso tem que plantar espaçado.

Dessa forma, no início, procurou-se proteger e alimentar o solo com as pioneiras, que são mais rústicas, e depois foram plantadas as mais exigentes. Isso foi feito observando sempre a sucessão de espécies (uma planta dando lugar a outra) de acordo com a melhoria do solo.

Também foram introduzidos no SAF Angico-cascudo e Mutamba que são espécies nativas do cerrado. Essas árvores foram escolhidas porque são de rápido crescimento, produzem muita matéria orgânica, importante para cobrir o solo e melhorar sua estrutura. Suas raízes também contribuem para infiltração de água e aeração do solo. A poda das árvores é utilizada para garantir estrada de luz e seus galhos são colocados no chão para devolver nutrientes e fazer boa camada de cobertura morta para proteção e melhoria do solo. A serrapilheira formada por essa cobertura morta impede que a chuva "lave" o solo onde está a maior parte dos alimentos para a planta.

Hoje já não se usa mais nenhum tipo de adubo no SAF e não há erosão danosa ao solo nessa área. Os técnicos consideram que onde nasce muita planta com fruto é um solo muito bom.

"Tem mato que é indicador de qualidade do solo. Por exemplo, Fumo-bravo dá em solo que ainda está pobre e Carrapicho também. Picão já aparece na transição para a melhoria do solo. À medida que o solo melhora, já aparece o Assa-peixe. Quando aparecem plantas moles, como a Capoeiraba e o João-leite, quer dizer que o solo é melhor ainda" - João Antônio.

José Murilo acrescentou que além de observar a sucessão das plantas espontâneas ou indicadoras da evolução do solo, também é importante observar se as sementes estão germinando próximas às árvores e se o solo apresenta uma grande variedade de plantas nativas. Essas também são características de solo em bom estágio de evolução.

A área é monitorada pela observação da sucessão das plantas espontâneas indicadoras e por análises de solo. Houve melhoria na qualidade física (estrutura e retenção de umidade), química (fertilidade) e biológica (aumento de microrganismos) do solo.

No SAF do CAV também tem plantado cabaça (ou Coité) que só é colhido quando está maduro para fazer copo de tomar café. Antigamente, se usava essa cabaça para acabar com formigueiro: colhia a cabaça, tirava o miolo e colocava no formigueiro.

Nos primeiros cinco anos, a mão-de-obra para implantar o SAF era maior e a produção era pouca. Mas, a cada ano foi aumentando a produção e diminuindo a mão-de-obra. No início, foram mais ou menos 130 dias de trabalho por hectare e baixa produção. Depois de cinco anos, passou a se gastar 60 dias de trabalho por hectare e houve aumento da produção.

O trabalho de sensibilização dos agricultores/as não foi fácil. Nem todos topavam o desafio e a grande mudança de lógica de produção que o SAF trouxe. Aos poucos, foram aparecendo agricultores/as dispostos a experimentar. Os/as agricultores/as que quiseram fazer a experiência em suas propriedades, geralmente, indicavam as áreas mais enfraquecidas, onde não se produzia mais. Houve muita perda de mudas nessas tentativas porque o solo ainda não estava preparado para plantas tão exigentes como as frutíferas. Novos desenhos de SAF foram pensados e muitos experimentos foram realizados nas propriedades dos agricultores/as.

O mais difícil para os agricultores/as foi perceber que não se deve ir passando a enxada em tudo que vê pela frente, pois há plantas que são companheiras e dependem umas das outras para continuar seu ciclo. No SAF a prioridade é a roçada ao invés da capina, mas depende do estágio em que se encontra o sistema. O "mato", ou plantas espontâneas, é muito importante no SAF porque protege o solo e quando é roçado devolve nutrientes à terra para alimentar outra planta. Uma planta pode ser retirada para beneficiar outra, e não simplesmente ser eliminada sem motivos, porque as plantas são companheiras, beneficiam-se umas às outras.

Outra coisa importante que deve ser percebida pelos agricultores/as é que não só milho e feijão podem ser fontes de alimento e renda. As frutas também podem se tornar uma importante fonte de renda e alimentação para a família.

O SAF visitado foi implantado na terra de cultura na área do CAV. Hoje está sendo implantado na área de terra mista. Na terra mista só é possível produzir com um bom manejo e começar de preferência no período generoso de chuvas, caso contrário, só dá para plantar mandioca. Nessa área tinha muito Sansão-do-campo que foram retiradas porque podem tomar conta do terreno. Os

técnicos do CAV acreditam ser possível produzir nessa terra desde que se introduza a cultura correta no momento ideal. Nessa área já houve melhoria do solo, pois as plantas espontâneas indicadoras de melhoria de qualidade estão aumentando e as análises de solo confirmam essa percepção.

Em parte do SAF é utilizada irrigação por aspersão na época seca. Isso é feito para ter produção de banana o ano todo. Porém, isso não é limitante quando não se tem acesso à irrigação, porque passa-se a produzir de acordo com o regime de chuvas. Água é essencial para a vida e por isso a recuperação de nascentes é fundamental. Caso contrário, a irrigação pode trazer problemas.

Para João Antônio, o SAF é como a extensão do quintal, pois joga-se nele todos os restos de frutas, folhas e cascas, além de ter uma produção bem diversificada. É importante pensar que a recuperação de áreas degradadas com a implantação de SAF's é um processo a longo prazo, por isso é necessário que agricultores/as comecem em pequenas áreas da sua propriedade e ampliem aos poucos.

Ao lado do SAF há uma cisterna de captação de água de chuva construída somente com ferro, areia e cimento. Há também uma cisterna subterrânea/poço com uma engenharia simples de captação de água. Já tiraram 200 litros de água em 11 minutos de trabalho.

Visita à área da Escola Família Agroindustrial de Turmalina - EFAT

Os monitores/as da EFAT iniciaram a visita contando a história da escola. Antigamente, o terreno da escola pertencia à Associação de Desenvolvimento Rural de Turmalina - ADERTUR. Esta associação instalou-se em um terreno de 20 hectares cedido em comodato pela Prefeitura de Turmalina por um prazo de 20 anos. No ano de 1997, tendo a ADERTUR deixado de funcionar, a Secretaria Municipal de Educação de Turmalina implantou no local o Projeto Criança 2000. Este projeto funcionou até o final de 1997 e serviu de suporte à implantação da EFAT.

A Associação de Apoio à Escola Família Agroindustrial de Turmalina - ASFAT, entidade civil sem fins lucrativos, foi fundada em 02 de outubro de 1997. A EFAT iniciou suas atividades, no dia 12 de fevereiro de 1998, já atendendo a um total de 125 estudantes, de ambos os sexos, através do curso regular de suplência (5ª a 8ª série) em três anos. Em 2000, iniciou-se o Ensino Médio com formação profissional de nível básico em Agroindústria, daí o nome de Escola Família Agroindustrial de Turmalina e não, Escola Família Agrícola. Hoje a EFAT trabalha com o Ensino Fundamental (5ª. a 8ª. série) e com o Ensino Médio voltado para formação profissional básica em Agroindústria. Os estudantes passam uma

quinzena na escola (tempo escola) e uma em casa (tempo comunidade). A escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Turmalina.

Horta

A escola possui uma horta onde procura utilizar a adubação orgânica a partir do esterco de curral. As sementes utilizadas no plantio são compradas pela prefeitura. A horta é utilizada para a realização das aulas práticas e os estudantes têm participação em todas as etapas: preparação dos canteiros, adubação, plantio, cuidados e colheita, porém com tempo limitado devido à pequena carga horária destinada às aulas práticas.

O interesse dos estudantes é variado: a maioria mostra interesse nas aulas práticas, porém alguns apresentam desinteresse. Os monitores vêem isso como uma dificuldade enfrentada, que se agrava pela falta de conexão das aulas práticas com as demais disciplinas da escola.

A horta também é utilizada na complementação da alimentação da escola. O solo da horta apresenta características de solo compactado e a escassez de água, situação freqüente na região, também dificulta a produção. Uma alternativa seria aproveitar na horta a água utilizada na cozinha para lavar as verduras. Nesse ano por questões climáticas, relacionadas principalmente à falta da chuva, a horta não produziu a mesma quantidade dos anos anteriores.

Havia boa variedade de hortaliças plantadas. A área da horta possui uma estufa antiga e degradada, mas existe um projeto que visa à reconstituição dessa estufa que é de grande importância para a realização das atividades. Uma sugestão feita foi aproveitar a palha de diferentes materiais disponíveis na área, como o capim, para produzir composto orgânico, que é mais rico que o esterco puro.

Criação de porcos

Outra área visitada foi a da criação de porcos. O local era antes utilizado para criar cabras e foi adaptado para a criação de porcos, já que a região não tem tradição de criação de cabras. Essa estrutura foi construída na antiga ADERTUR.

Os porcos são tratados com a lavagem que vem da cozinha da escola. Sua carne serve de alimento para os estudantes. Os animais foram transferidos para esse local para evitar roubos dos moradores vizinhos a EFAT. Essa é uma dificuldade que a escola vem enfrentando devido a sua proximidade com a cidade que cresceu muito nos últimos anos.

A criação de coelho e pato para alimentação dos estudantes foi outra tentativa feita na EFAT. Porém, os estudantes apresentaram resistência em

consumir carne desses animais por não ser uma prática comum na região e pelo apego aos animais. Apesar da criação de cabras, coelhos e patos ter sido iniciada pensando como alternativas para a agricultura familiar da região, não houve aceitação desses animais como alimento.

Policultivo e Sistema Agroflorestal

Na EFAT há também uma área de SAF (Sistema Agroflorestal) em parceria com o CAV (Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica).

Como vimos na área do CAV, o SAF é uma forma de cultivo que procura se aproximar ao máximo do ambiente natural, aproveitando de maneira equilibrada os recursos naturais para produzir de forma integrada e sustentável. O SAF tem como princípio a sucessão natural de cada espécie de acordo com a evolução do sistema procura aplicar os princípios agroecológicos pensando o sistema como um todo (sol, água, diversidade de plantas, solo, produção, alimentação saudável etc.).

Na implantação de um sistema agroflorestal é aconselhável que se comece em pequenas áreas de forma gradativa (áreas menores, depois ampliar), uma vez que esse sistema é complexo e demanda tempo para se estabelecer. Isso possibilita ir aprendendo com o sistema e evita transições abruptas que podem trazer dificuldades. Em locais onde a água é restrita, deve-se ter maior atenção para esse sistema, pois a água, na maioria das vezes, é o principal limitante para a implantação do SAF. O melhor a se fazer, além de começar de forma gradativa, é procurar implantar espécies mais resistentes à seca. Dessa forma, o sistema tomará corpo e estará se preparando para receber as espécies mais exigentes.

A questão da irrigação é algo a se pensar. Quem tiver condições de implantar um sistema de irrigação no SAF estará potencializando o sistema. É importante ressaltar que dentro da concepção agroecológica, a irrigação pode ser utilizada no sentido de potencializar o sistema, pois a água irá aumentar a velocidade da ciclagem de nutrientes, a partir da decomposição (apodrecimento) da matéria orgânica do solo, disponibilizando tais nutrientes para as outras plantas. Porém, deve-se pensar no uso racional da água e numa maneira de realizar uma irrigação adequada que não provoque a salinização do solo causando toxidez para as plantas (isso é mais possível de acontecer na região de semi-árido - caatinga).

A densidade de plantas também vai depender do que se deseja produzir no SAF e a demanda de luz das mesmas. Também pode ser necessário, em algum momento, intervir na área para priorizar uma planta em detrimento de outra. Isso acontece, muitas vezes, quando há forte infestação de gramíneas. Não existe uma receita pronta de SAF. O ponto de partida vai depender de cada área. É necessário pensar de acordo com a realidade e com o potencial de cada lugar. Há

alguns questionamentos como: Qual o objetivo do SAF? Quais as espécies que existem na área e as que se pretende cultivar? Depois que se conseguir responder a essas questões, começa a se pensar no desenho/forma do SAF de acordo com os recursos naturais da área e as condições econômicas da família para investir no que for necessário. É importante pensar em utilizar ao máximo os recursos naturais do lugar inspirando-se na natureza e fortalecendo os ciclos naturais (água, nutrientes, solo, plantas, luz solar etc.).

A área da EFAT onde está implantado o SAF atualmente, era antes uma área que tinha somente braquiária. Com o tempo, foi sendo feito o manejo da braquiária e introduzindo-se outras espécies. Hoje, tem manga, urucum, acerola e espécies nativas do cerrado. Tem, também, leguminosas que são utilizadas como adubo verde.

A braquiária ainda está presente na área e continua sendo manejada. É bom lembrar que a braquiária é fonte de matéria orgânica e cobre bem o solo. Para algumas pessoas, pode chegar o momento em que seja interessante intervir na área e retirá-la com enxada para possibilitar que outras plantas continuem a sucessão natural. A utilização de galinhas para controle também foi citada (galinheiro móvel). Para outras pessoas, a braquiária está dominando a área porque é o momento dela, e o ideal seria procurar uma outra espécie que, naturalmente, abafaria a planta. O mais importante é perceber o momento do SAF e a necessidade do agricultor/a decidir o que é melhor fazer para garantir a evolução do sistema, a produção de alimentos e potencializar ao máximo a área, de modo que atenda as necessidades de cada sistema e de cada família.

É importante esclarecer que SAF é uma forma de produção que garante sintonia com o ambiente natural, evitando que o solo fique exposto causando erosão e assoreamento, dentre outros problemas. O SAF tem maior diversidade de espécies de plantas, o que estimula a cooperação entre elas, e não a competição, além de diminuir o ataque de pragas. Sendo assim, é possível produzir em uma área por muito tempo.

A idéia de que o SAF tem que ser implantado somente em áreas degradadas não deve prevalecer. Esse sistema evita a degradação e, muitas vezes, é a forma mais viável para recuperar uma área. Entretanto não deve ser implantado somente em áreas degradadas porque a velocidade da evolução do sistema e o quanto ele produzirá vai depender das condições do local onde será implantado.

O sistema de policultivo é um sistema em que se utiliza o consórcio de plantas com melhor aproveitamento do espaço ao se produzir mais em uma mesma área. Além disso, as plantas cooperam umas com as outras e o solo fica mais coberto. Pode existir ou não o componente arbóreo no sistema, mas quando está presente, trata-se de espécies frutíferas cultivadas. Normalmente, o policultivo é destinado a interesses de alimentação e comércio em que não existe uma

preocupação na sua evolução através da sucessão para se aproximar da natureza, como ocorre no SAF.

O policultivo é mais exigente em relação ao SAF na qualidade do solo, água e manejo. O solo não é previamente preparado para receber determinadas plantas exigentes em nutrientes, já que não se realiza a sucessão de plantas para evolução do sistema e, conseqüentemente, não há necessariamente melhoria da qualidade do solo.

O policultivo pode ser na concepção agroecológica ou convencional, depende da forma como é conduzido o sistema, no que diz respeito ao trabalho dentro de princípios que visam a sustentabilidade. No SAF é mais fácil aplicar os princípios agroecológicos, pois se aproxima mais do ambiente natural.

Na área da EFAT, onde era cultivada a horta, por ter sido bastante esterçada, hoje existe o sistema de policultivo, podendo se encontrar várias espécies, dentre elas: milho, feijão, mandioca, laranja, quiabo e limão. Essa área é irrigada e utiliza-se esterco, comprovando a necessidade de um maior cuidado para que se alcance uma produção satisfatória.

Agroindústria

Em meados dos anos 90, a Prefeitura Municipal de Turmalina iniciou um projeto de fruticultura (acerola e urucum) na região como opções de produção alternativas à atividade carvoeira desenvolvida na zona rural do município a fim de reduzir a degradação ambiental. Estimava-se 800 hectares plantados de cada cultura, totalizando 1.600 hectares, conforme previsto nos planos operativos anuais (1995/1996), que visavam revolucionar o município com a produção frutífera. Em junho de 1997, foi feita uma auditoria de tal projeto de fruticultura apoiado pelo Ministério do Meio Ambiente, e constatou-se um resultado desproporcional na execução física do referido projeto em relação aos recursos financeiros aplicados. Nesse projeto estava prevista a implementação de uma grande indústria despoldadeira de frutas que também não foi à frente. Essa área da ADERTUR tornou-se a EFAT.

Foi proposto que a EFAT retomasse o projeto utilizando as instalações da área e criando uma alternativa de geração de renda para as famílias dos estudantes, visto que muitos agricultores já se encontravam com alta produção de frutas e sem perspectivas de beneficiamento e comércio. Dessa forma, a EFAT estaria se integrando com a realidade local, sendo este um dos princípios das Escolas Família Agrícola.

Em Abril de 2000, foi adquirida uma despoldadeira de frutas e uma câmara fria. Também foi construído um desidratador de frutas semelhante ao que existe na área experimental do CAV. O projeto pretendia que 30% das frutas trazidas

pelos agricultores/as ficassem para a escola, para serem utilizados na alimentação dos seus próprios filhos que se encarregavam do processo de beneficiamento, sob orientação dos monitores técnicos da EFAT. O restante das frutas beneficiadas ficava para o agricultor/a. Assim foi feito, e o processo começou bem. Eram beneficiados manga, acerola, banana, maracujá e abacaxi.

A câmara fria tem um gasto alto de energia elétrica no momento inicial de funcionamento até estabilizar a temperatura. A prefeitura argumentou que era muito caro manter o processo e ordenou que a câmara fosse desativada. Naquele momento, houve tentativas por parte da EFAT de negociação com a prefeitura, porém, sem sucesso. Na expectativa de dar continuidade ao projeto, criou-se uma cooperativa: Cooperativa Familiar Agroindustrial de Turmalina - COOFAGRI, mas por questões internas, em que as idéias eram centralizadas por poucos cooperados, houve o enfraquecimento e paralisação da mesma. Essa cooperativa tentou beneficiar os produtos em parceria com organizações sociais de Montes Claros, mas também não foi viável devido a questões externas ligadas ao poder público local. Em função desses fatores, o processo parou e hoje a estrutura não funciona.

A EFAT conta ainda com uma padaria industrial. Inicialmente, eram produzidos até 2000 pães por dia. Parte desses pães era destinada à alimentação dos estudantes e a outra parte era distribuída na merenda escolar municipal. Por uma "briga" judicial, a Prefeitura perdeu na justiça todos os equipamentos da padaria. Foi aí que a ASFAT conseguiu aprovar junto à Fundação VITAE a compra de equipamentos modernos para a panificação, mas, ultimamente, a Prefeitura tem preferido comprar os pães de outras comerciantes do que investir na padaria como unidade didática e profissionalizante.

Os monitores/as da EFAT contaram que a forma como a EFAT está organizada, ou seja, uma equipe de professores completamente subordinada à prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação, dificulta muito o andamento da escola. A maioria dos projetos demanda uma equipe articulada e constante, com tempo para se dedicar ao projeto da escola e dar continuidade aos diversos processos, vencendo os obstáculos que aparecerem. Mas os professores/as, em sua maioria, não se dedicam exclusivamente a EFAT e constantemente são lotados, através do processo de classificação de títulos municipal, em outras escolas ao final do ano letivo. Torna-se quase impossível um projeto na área da EFAT ter início, meio e fim. Nas atividades agrícolas isso é quase que impossível, uma vez que a maior parte das atividades dependem de continuidade.

Além disso, a associação da EFAT não tem autonomia para tomar decisões como gostaria. Discutem questões ligadas ao projeto pedagógico, mas dependem, financeiramente, da prefeitura municipal que muito interfere nas decisões como,

por exemplo, quais estudantes que vão estudar na escola. Outro fator preocupante diz respeito ao contrato dos monitores/as da EFAT com a Prefeitura Municipal, que é encerrado a cada fim de ano. Todas as atividades, que tiveram início naquele ano, devem ser finalizadas ao final do ano e só no ano seguinte sai a resposta de renovação do contrato.

Devido a essas questões, já existe uma proposta por parte da associação da EFAT, de que a escola passe a ser comunitária e não municipal e, conseqüentemente, tenha maior autonomia. Mas vários fatores impedem essa desvinculação, um deles é a propriedade da área da escola. A área não é de propriedade da associação da EFAT. A associação da EFAT tentou comprar o terreno através de um projeto, mas como a ADERTUR tem uma dívida trabalhista com seus antigos funcionários, isso não pôde ser feito. Além disso, esses funcionários entraram com um recurso e a propriedade da escola ficou penhorada nesse processo de dívida. Estava sendo feita uma negociação com a prefeitura municipal para resolver a situação, entretanto o processo "caiu por terra" na última eleição municipal.

A falta de autonomia é o principal fator que dificulta o bom funcionamento da EFAT, impedindo que essa escola desempenhe suas atividades de acordo com o objetivo para o qual foi criada. As questões externas têm uma forte influência nas internas.

De acordo com os monitores, o ideal seria existir um edital diferenciado fazendo com que as pessoas que compõem a equipe das EFAs tenham perfil para o projeto e possam ter dedicação exclusiva à escola. Além disso, é fundamental que a área seja da associação e que esta possa tomar as decisões sobre a escola. Infelizmente, dependem, atualmente, da sensibilidade das pessoas que estão no poder público municipal.

Visita ao Centro de Educação e Arte por Alternância de Turmalina - CEART

O CEART é uma escola que está situada na comunidade José Silva, a 18 km de Turmalina. Havia na comunidade a Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima que funcionava apenas de 1ª a 4ª série. Em 2000, foi criado o CEART, um projeto de 5ª a 8ª série adotando a pedagogia da alternância, como uma extensão da escola Nossa Senhora de Fátima. Essa é a realidade até hoje, o que significa dizer que, legalmente, o CEART não existe. A iniciativa de se fazer essa transformação foi das comunidades que fundaram a associação do CEART, em agosto de 2000. Essa associação é bem ativa e tem maior autonomia que a da EFAT.

As famílias da comunidade José Silva e outras comunidades vizinhas têm a escola como sendo um "tesouro" da comunidade e por isso lutam na medida do possível para um bom funcionamento da mesma. Na inauguração da escola foi

colocada uma faixa, com o nome da escola (Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima), mas os moradores das comunidades manifestaram-se contrários, fazendo com que a faixa fosse retirada.

Atualmente, a escola trabalha com estudantes de 1ª a 4ª e de 5ª a 8ª série, contando com 104 estudantes. A alternância é somente para os estudantes de 5ª a 8ª série. Passam uma semana na escola (tempo escola) e uma semana em casa (tempo comunidade). Porém, os estudantes não vivem em sistema de internato, pois passam o dia na escola e dormem em casa.

A área onde o CEART está situado pertence à empresa ACESITA (agora chama-se grupo ARCELOR MITTAL). Segundo os monitores/as da escola, a área foi doada pela ACESITA para a prefeitura, porém a ACESITA não possui a escritura do terreno. O terreno foi adquirido do antigo proprietário através de contrato de compra e venda. Os filhos desse senhor tinham direito à metade do terreno, não assinaram e se negam a assinar tal contrato, porque não concordam com a venda. Assim, a venda tornou-se ilegal e a ACESITA tem pressionado os filhos a assinarem o documento de venda.

O Sr. Joaquim, filho do antigo proprietário do terreno, é morador da comunidade Jose Silva e ajudou a fundar a associação do CEART. Atualmente, ele é o tesoureiro da associação e também o responsável pela horta da escola. Ele contou que o pai negociou sem conversar com os filhos e que o preço pago pela compra foi baixíssimo.

"Se resolvesse a parte da terra, talvez a associação da CEART já era dona dessa terra. Somos loucos pra resolver essa questão. Negociar com a comunidade é mais fácil do que negociar com a Acesita, pois quando a gente procura a Acesita eles saem fora. Sabem que tem rolo" - Sr. Joaquim.

A maior parte dos móveis da escola foram adquiridos através da associação do CEART. A biblioteca, os móveis da sala dos professores, a sala de informática, a máquina de xerox, a TV, o DVD, a motocicleta, a casa de mel, o galpão e todos os móveis do artesanato pertencem à associação. Somente as carteiras e o prédio são da prefeitura, que também é responsável pela manutenção da escola (salário dos professores/as e alimentação).

Galpão de artesanato

O galpão do artesanato foi construído com recursos que a associação adquiriu através de projeto junto à Fundação VITAE. A arte foi incluída na grade curricular da escola em 2000, já que o artesanato é uma das principais atividades realizadas pelas famílias da região. O artesanato é parte da cultura local e fonte de renda para as famílias nas diferentes gerações, mas essa importantíssima

atividade estava se perdendo. Foi então que a associação do CEART decidiu incluir essa atividade na escola.

A senhora Anísia, mãe de uma estudante do CEART, é artesã e monitora da escola, responsável pelas aulas de artesanato. Todo o processo de confecção do artesanato é feito com os estudantes. A artesã foi escolhida pela escola para trabalhar essa disciplina com os estudantes, por já ter um grande conhecimento na confecção do artesanato e, também, por ser uma oportunidade a mais em envolver os pais com a escola onde os filhos/as estudam.

Como a Secretaria Municipal de Educação interfere nas decisões sobre o plano pedagógico da escola, a artesã não pode ser a única responsável pela disciplina de arte. Dessa forma a Secretaria indicou uma professora que também acompanha as aulas de arte que incluem pintura e cerâmica.

O barro utilizado para essa atividade é retirado na comunidade de Buritis e todo o processo é realizado na escola, pelos estudantes. Atualmente, a escola enfrenta uma dificuldade com o forno que é utilizado para a queima das peças. O forno deve ser bem construído e de acordo com as exigências dessa atividade. Os principais estragos que as peças sofrem (manchar e pocar as peças) são em consequência do forno estar inadequado.

A lenha utilizada no forno é doada pela ACESITA, que também irá construir um novo forno para a escola em função da sua parceria com a prefeitura. Segundo os monitores/as da escola, a relação da ACESITA com a associação do CEART já foi melhor, porém, como a escola tem questionado, junto com os estudantes e a comunidade, as ações da empresa, essa relação não é mais a mesma. Os monitores/as ressaltaram que a escola não se furta de questionar a empresa mesmo com a vinda desse forno. Essa obra será realizada pela empresa em função da certificação florestal que obriga a empresa a desenvolver projetos sociais.

Os monitores/as da escola contaram que quando foi implantado o projeto de arte, houve resistência dos estudantes homens em realizar essa atividade. Isso acontecia, principalmente, nas aulas de bordado, atividade que não é realizada na escola atualmente. Esse preconceito foi vencido através de conversas com os pais e os estudantes que hoje vão às aulas de cerâmica e pintura dificilmente expressam tal atitude. Também houve casos de famílias que, inicialmente, tiveram resistência quanto à participação de seus filhos na limpeza da escola, mas tudo isso foi bastante conversado com as famílias e a questão resolvida.

Os artesanatos confeccionados pelos estudantes da escola são comercializados, principalmente, em feiras livres nas quais a associação participa. O retorno financeiro da venda das peças é dividido entre a escola e os estudantes que confeccionaram as peças.

A associação do CEART pretende desvincular-se da prefeitura municipal para que tenha maior autonomia nas decisões de suas atividades. A associação não tem, por exemplo, a liberdade de definir a contratação de uma pessoa para operar suas máquinas de beneficiamento da cera, ou mesmo outros equipamentos, que estão paradas por falta de um técnico/a. Porém, acreditam que desvincular-se sem um planejamento pode enfraquecer a associação e por isso estão pensando em estratégias para fazer isso.

Galpão de apicultura

A escola também dispõe de um galpão de apicultura utilizado para o beneficiamento do mel e da cera. Os pais dos estudantes e outros apicultores das comunidades vizinhas também utilizam esse galpão.

Um dos monitores da escola trabalha no beneficiamento da cera alveolada. O apicultor/a traz a cera bruta e leva parte dela alveolada. O apicultor/a leva 80% da cera alveolada de volta para a casa e 20% fica para a escola. O objetivo dessa troca direta é a escola atender a demanda do apicultor que procura um preço mais acessível.

De acordo com os monitores/as, outra forma do apicultor/a conseguir a cera alveolada é levar a cera bruta para uma loja de produtos apícolas de Turmalina que, por sua vez, a leva para o CEART. Dessa forma, o apicultor fica com 70% da cera alveolada, o CEART fica com 20% e 10% fica para o proprietário da loja que faz o papel de atravessador.

Atualmente, devido ao baixo preço do mel, os apicultores/as estão desestimulados e, conseqüentemente, o galpão não está funcionando por falta de demanda. Os monitores/as acreditam que com criação da APIVAJE a apicultura será fortalecida. Assim, a escola deve estar preparada para atender a demanda dos apicultores/as.

Está sendo criado um entreposto de mel em Turmalina. Isso pode fazer com que boa parte dos agricultores/as deixem de procurar o CEART para beneficiar a cera, passando a utilizar os serviços do entreposto. Os monitores/as do CEART pensam que se a escola estiver organizada, ela pode ser uma aliada desse entreposto. Atualmente, a falta de um técnico/a disponível para o trabalho faz com que o galpão de mel não seja utilizado nas aulas da escola. Esse é mais um desafio para a escola.

Horta

Na área do CEART existe uma horta que tem como objetivo produzir alimento para a escola e fazer trabalhos com os estudantes. A escola localiza-se

num terreno na chapada. Historicamente, a chapada foi sempre utilizada para extrativismo de frutos do cerrado e solta do gado. Já a roça, o pomar, a criação de pequenos animais e a horta sempre foram atividades das terras de cultura, localizadas nas grotas, próximas aos córregos.

Nesse sentido, foi novidade para a comunidade cultivar uma horta na chapada, local que não tem nascentes e que sempre foi visto pelas comunidades como impróprio para o cultivo. O Sr. Joaquim disse que trabalhando bem com esterco e água a produção é garantida. Para ele, a partir de então, ficou claro que a terra da chapada não é ruim e que é possível cultivar hortaliças lá. O fator mais limitante é a água, que nesse caso é bombeada de longe e a conta da luz é paga pela prefeitura municipal, assim como o esterco gasto em grande quantidade. Ao se pensar nesse ambiente para produção, é sempre bom levar em consideração o custo de produção e a disponibilidade de recursos para investimento.

"A terra da chapada é a melhor que tem para trabalhar porque ela é mais mole e plana facilitando o plantio. Já as terras das grotas são duras, são terras bravas que embebem muita água, puxa toda umidade. Fico sentido em termos vendido a chapada que produz muito e hoje ficamos esgrimidos na grotá" - Sr. Joaquim.

Uma observação feita pelo grupo é que as plantas ficam mais expostas ao sol e ao vento na chapada. Isso faz com que o consumo de água aumente e as plantas murchem mais facilmente. Por isso, é importante que práticas para a diminuição da demanda por água sejam feitas, ainda mais para o cultivo de hortaliças que consomem muita água. O uso de cobertura morta para cobrir os canteiros pode auxiliar bastante na diminuição de perda de água e proteção do solo. Em alguns lugares, esse manejo chegou a fazer a demanda por água cair pela metade.

Visita a propriedade da Anísia e do Mauro

Dona Anisia é uma das artesãs da Associação Comunitária de Campo Alegre. A propriedade está situada na comunidade Campo Alegre, no município de Turmalina, onde residem: Anísia, Mauro, suas duas filhas e um filho.

A família beneficiou-se de um incentivo do CAV na implantação de SAF's nas propriedades da região. Segundo Anísia e Mauro, a iniciativa em implantar o SAF na propriedade surgiu através de uma reunião feita no CAV, depois da qual, animaram-se a fazer a experiência. No início, tiveram dúvidas por ser uma técnica nova para a região, mas resolveram arriscar, uma vez que suas terras eram descobertas e não conseguiam produzir com sucesso.

"As terras eram peladas. Colhia o milho, juntava e torrava fogo na palhada. Mas a produção começou a cair" - Anísia.

A dificuldade maior era entender o novo sistema de produção, uma vez que, por questões culturais, essa não é uma prática comum na região do cerrado do Vale do Jequitinhonha.

"No início achava meio confuso. O que se fazia era capinar pra plantar. Como que ia plantar pra fazer sombra antes de plantar? Mas aí vendo que na área do CAV o sistema funcionava, resolvemos arriscar e também por acreditar que ia contribuir com o meio ambiente" - Anísia.

O casal relata que, antes, na propriedade havia somente braquiária e uma amendoeira. Só viam o topo do pé de manga e de ameixa no meio da braquiária. A transformação se deu aos poucos. No início foram destocando parte da braquiária com enxada e abafando com "cisco", que era aproveitado da própria capina do quintal. Ressaltam que hoje, onde o solo não está coberto, ainda nasce braquiária na época da chuva. Porém, a maior parte do terreno está coberta com matéria orgânica da roçada do mato, fazendo com que esse fato não seja mais preocupante.

No início do sistema, para formar bastante cobertura para o solo, plantaram capim elefante que depois foi roçado e distribuído no sistema. Em seguida, implantaram o abacaxi e a mandioca. Depois, vieram outras plantas como o café, a banana e várias frutíferas. A poda dos galhos é feita para entrada de luz no sistema e os galhos são distribuídos sobre o solo para adubar.

Os vizinhos do casal não confiaram na idéia de um SAF naquela região e tentaram desestimulá-los. Anísia conta, com orgulho, que um dos seus vizinhos ao ver a iniciativa do casal em plantar um pé de banana na propriedade, daquele jeito diferente, no meio do mato, retrucou que "Se visse o cacho de banana daquela muda, ele comia com casca e tudo, todo o cacho". O primeiro cacho de banana do SAF produziu, aproximadamente, 15 dúzias.

O manejo do SAF é feito pela própria família que vai descobrindo o momento certo de realizar determinada ação. Anísia e Mauro, por exemplo, não desbastaram, mesmo estando na época, o mato que se encontrava no meio das ramas de abóbora, por perceberem que a abóbora estava produzindo muito mais daquela forma. A goiabeira, que precisa ser podada para produzir mais, teve seus galhos mais grossos aproveitados no forno onde são queimadas as peças do artesanato e os galhos mais finos foram espalhados no quintal, servindo como cobertura para o solo. Algumas áreas, como a horta, necessitam de irrigação no período de muita seca, então, utilizam uma garrafa pet como dispersor de água.

A propriedade é bem diversificada e aproveita-se, ao máximo, os recursos naturais disponíveis. O SAF está logo abaixo da porta da cozinha da propriedade, onde aproveitam a água do tanque de lavar roupa, principalmente para as bananeiras que estão mais próximas. Na propriedade existe, também, uma área para a produção de cana-de-açúcar, utilizada para a alimentação do gado e diversas

culturas: mandioca, maracujá, andu, quiabo, laranja, mamão, oropronóbolis, acerola, aracá (goiaba do mato), cabaça, romã, leucena, amora, cagaita, alface, cebolinha, milho, abóbora, banana, goiaba, manga, abacaxi, ameixa, feijão, amendoeira, gado, porco, galinha, espécies nativas, dentre outras tantas medicinais.

Logo abaixo do SAF fica a terra de cultura com a roça de milho e feijão e diversas plantas no meio, onde se procura roçar o mato. Anísia comentou que essa área ficou mais úmida depois da implantação do SAF, logo acima dela.

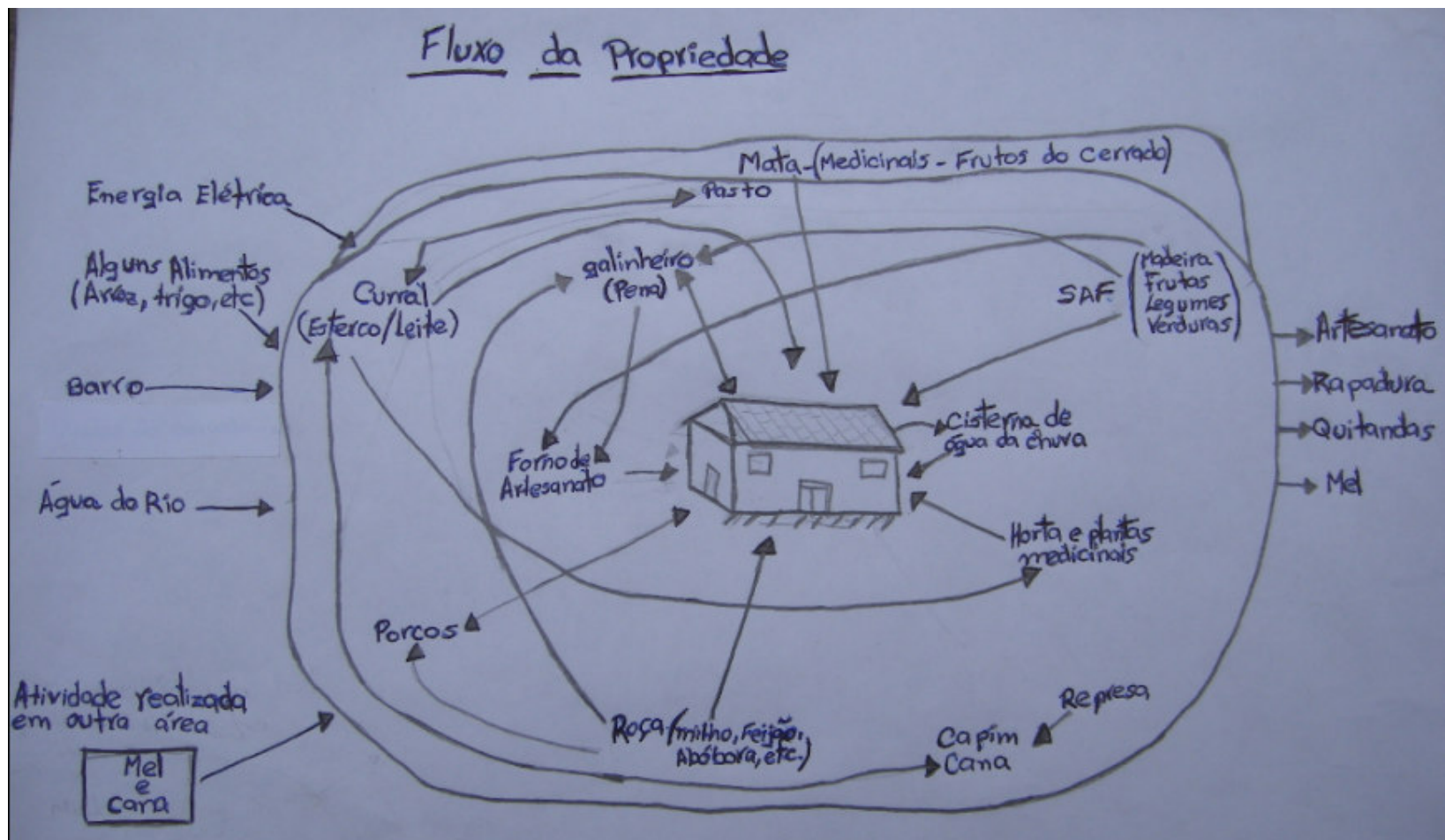
"Aqui na comunidade ninguém comeu angu de milho verde esse ano por causa da seca que foi longa. Mas nós comemos angu de milho verde, milho assado, pamonha e ainda colhemos mais um saquinho de milho" - Anísia.

Foi questionado para o casal o que mais melhorou depois da implantação do SAF, além da melhoria do solo e aumento da produção. Os dois responderam, rapidamente, que foi o conforto térmico na hora de trabalhar na roça e mesmo em casa, por causa da sombra das árvores que deixa a casa bem fresquinha. A casa está bem acima do SAF.

Acima da casa está o curral e logo depois o pasto, já na terra de campo. Tem também uma matinha no alto da propriedade onde se colhe pequi e plantas medicinais. Ao lado da casa fica o galinheiro e a pocilga. Os porcos são tratados com restos da cozinha. As galinhas recebem folhas e milho. Basicamente, a produção da propriedade é para o consumo da família, que tem também um outro pedaço de terra distante onde planta cana e cria abelhas. Quando tem produção alta, a rapadura e o mel são vendidos. Essa venda, normalmente, acontece na própria comunidade.

Na propriedade existe o sistema de captação de água da chuva apoiado pelo *Programa de 1 Milhão de Cisternas*. A água do telhado é coletada com canos de PVC e direcionada para a caixa. A família achou que a captação não estava sendo suficiente e adaptou coletores construídos com garrafa pet, aumentando a captação, e passou a armazenar mais água de chuva na cisterna. A água proveniente da chuva é utilizada na cozinha por ser mais limpa em relação à água do rio.

No quintal existe uma estaca onde foram fixados dois sacos de linhagem. Esses sacos têm como objetivo separar o lixo da propriedade. Essa idéia foi levada para a propriedade pela filha do casal que aprendeu na aula de ciências do CEART.



Fluxo da propriedade de Anísia e Mauro (as setas indicam entradas e saídas da propriedade e a integração das atividades).

A principal fonte de renda monetária da família é o artesanato. Assim como outras mulheres da comunidade, Anísia é artesã e aprendeu a tradição com a mãe. O interesse por essa atividade começou desde criança. Aos 10 anos de idade já acompanhava a mãe e a avó nas feiras regionais.

"Antes, ia na garupa do cavalo com a minha avó levar pra vender na feira da cidade" - Anísia.

Ela contou que no início eram feitas peças de barro para uso doméstico, como: aparador de café, bule para colocar café, panela, pratos. Depois, começaram a fazer para enfeitar a casa. Aí as pessoas da cidade viram, gostaram e começaram a encomendar. Com o passar do tempo foram aperfeiçoando as peças até chegar ao que é hoje - um artesão reconhecido por toda parte.

A criação das peças é das próprias artesãs. Quando é criada uma nova peça por uma artesã, é comum que as outras artesãs sejam influenciadas pela novidade e comecem a fazer peças parecidas. As peças que necessitam de mais habilidade para serem confeccionadas, como por exemplo, as bonecas, não são feitas por todas as artesãs. Foi possível perceber que as bonecas possuem os traços do rosto bem parecidos com os da artesã que fez o trabalho. As demais peças também são personalizadas, ou seja, existe uma forma típica de cada artesã.

As peças são confeccionadas na própria casa da família e depois de prontas são transferidas para a associação, onde cada artesã possui um espaço padronizado nas prateleiras do galpão de artesanato da comunidade de Campo Alegre. A quantidade de peças a serem levadas para a associação depende da quantidade que couber no espaço disponível para cada uma das artesãs.

Anísia comentou que as artesãs são livres para venderem suas peças fora da associação, porém, tentam respeitar, ao máximo, a mesma linha de preço nos artesanatos semelhantes. Esse preço é calculado de acordo com o tempo gasto na confecção das peças, tamanho da peça, preço do barro, etc. Muitas vezes, ao final das feiras, as pessoas têm o costume de oferecer um preço mais baixo pela peça e é comum que a artesã aceite para não voltar com o artesanato para casa.

"A peça eu sei fazer, o dinheiro eu não sei. . ." - Anísia.

O consumidor final são as pessoas que mais valorizam o produto. É comum ter maior sucesso de venda nas feiras de artesanato onde a venda é feita diretamente a esse público do que quando vende para o atravessador.

Quando o comprador procura a associação, as vendas são feitas pela própria associação. Por exemplo, o Banco do Brasil selecionou algumas peças para comprar de parte das artesãs e encomendou 4500 peças. As encomendas foram divididas entre as artesãs que tiveram as suas peças aprovadas na seleção. Há também,

compradores menores que vão até a associação, escolhem as peças que querem comprar e a venda é feita pela própria associação.

Já algumas lojas procuram a associação, mas selecionam o trabalho de uma única artesã, como aconteceu com a Anísia, numa ocasião. Desde então, compram somente as peças dela. Nesse caso, a venda é feita fora da associação. Em alguns casos, o cliente compra mais vezes, repetindo sempre a compra de peças de uma artesã, porque gosta daquele trabalho, bem personalizado. Algumas lojas impõem exigências para comprar e a mais comum é não permitir a identificação (assinatura) da artesã nas peças. Também ocorre de exigirem produção exclusiva de algumas peças, não querendo que a concorrência tenha peça igual àquela que foi comprada.

Visita à Associação Comunitária de Campo Alegre

Uma outra visita realizada foi à comunidade de Campo Alegre, situada no município de Turmalina. Essa comunidade é o berço do artesanato em cerâmica do Alto Vale do Jequitinhonha, ou seja, local onde tudo começou. Também estavam presentes os artesãos da comunidade vizinha, Campo Buriti.

Associados que estavam presentes na nossa visita:

Associação dos Artesãos de Coqueiro Campo - D. Faustina (presidente da Associação Mineira de Escolas Família Agrícola - AMEFA, presidente da Associação Comunitária de Educação Rural de Turmalina - ACERT e secretária da ASFAT); D. Maria do Carmo (artesã associada); D. Terezinha (artesã associada); Sr. Ulisses (artesão associado).

Associação Comunitária de Campo Alegre - D. Maria do Carmo (artesã há 30 anos e tesoureira da associação); D. Jorgina (artesã associada); D. Rita (artesã associada e mãe da Anísia); Anísia (artesã associada).

As artesãs de Campo Alegre contaram que o artesanato em barro é uma história antiga na comunidade e que foi passada de geração para geração. Antes mesmo da associação ser criada, D. Jacinta (já falecida) já tinha uma preocupação em repassar o conhecimento para as crianças.

Inicialmente, o número de artesãs era bem menor e não tinha um ponto de venda. Elas levavam suas peças na cabeça até o asfalto e pegavam o ônibus para a feira de Minas Novas. O secretário de turismo da época, ao ver a dificuldade das artesãs, sugeriu que elas se reunissem com o objetivo de formar uma associação. Em 1985, foi fundada a Associação Comunitária de Campo Alegre. Com muita dificuldade construíram um galpão que, com o passar do tempo, não suportou a demanda porque o número de artesãs foi aumentando.

As comunidades de Campo Alegre e Coqueiro Campo são vizinhas e sempre tiveram proximidade. O artesanato em barro era uma tradição mais forte em Campo Alegre. O pessoal contou que os rapazes de Coqueiro Campo casaram-se com as moças de Campo Alegre. Quando as moças de Campo Alegre mudaram-se para Coqueiro Campo levaram essa tradição do artesanato em barro para aquela comunidade. Assim, em 1994, foi fundada a Associação de Artesãos de Campo do Buriti. Ambas possuem objetivos e princípios comuns e são parceiras.

As associações realizam reunião uma vez por mês, porém, se houver um imprevisto, reúnem-se mais vezes. Nessas reuniões discute-se o que está acontecendo e as decisões são tomadas coletivamente. De acordo com o pessoal, todos os/as associados/as possuem o mesmo direito de participação nas decisões.

Uma das conquistas das associações, além do espaço físico para a exposição das peças, foi o arrendamento do terreno de onde retiram o barro utilizado para a confecção das peças. O barro é bem específico, não é qualquer um que serve. Na região há muitas olarias que trabalham com a fabricação de telhas e tijolos e o barro utilizado para o artesanato também serve para as olarias. Já os outros tipos de barro utilizados pelas olarias não servem para o artesanato. Nesse sentido, os artesãos/as preocupam-se com a possibilidade de terem problemas com as olarias.

Na época da seca é que se retira o barro para fazer o artesanato. Quando o barro é retirado do terreno, fica um buraco que não tem como ser tampado. O que as associações têm procurado fazer é utilizar esses buracos para a captação de água de chuva, para ser utilizada na seca.

Uma das dificuldades da associação é a emissão de nota fiscal nas vendas. Desde 2002, as associações não podem mais emitir notas fiscais. As duas associações tiram nota fiscal avulsa na prefeitura. Porém, esse órgão não funciona nos fins de semana, conseqüentemente, algumas vendas são perdidas.

Outro problema enfrentado diz respeito às notas fiscais. Se um artesão/a tirar muitas notas fiscais em seu nome, durante o ano, o governo passa a vê-lo como um pequeno empresário, e seu direito de aposentadoria pelo INSS como trabalhador/a rural é perdido. Isso acontece porque, de acordo com a lei, a pessoa perde a função característica de agricultor/a familiar ou trabalhador/a rural e passa a ser pequeno empresário.

Uma alternativa seria a fundação de cooperativas que podem emitir nota fiscal. Assim, os cooperados não perderiam os direitos de aposentadoria pelo INSS. Outra alternativa seria fundar uma só cooperativa para as duas associações, que seriam filiadas dessa cooperativa.

Outra possibilidade seria a filiação das associações em uma cooperativa que já exista e que possua produtos comuns aos dessas associações (artesanato, alimentos, etc.). Dessa forma, as vendas seriam feitas por essa cooperativa. É

importante lembrar que numa cooperativa a venda é feita pela própria cooperativa. O artesão não vende em seu nome.

Outra dificuldade que as associações têm é a participação em grandes feiras e exposições, em cidades distantes como Belo Horizonte. O espaço para a exposição dos produtos custa caro e ainda têm que pagar transporte, dormitório e alimentação. Na maioria das vezes, as associações buscam patrocínios, além de contar com a contribuição financeira dos associados/as. As associações têm um fundo que é adquirido através de uma pequena porcentagem da venda do artesanato. Tal fundo é suficiente para o gasto com pequenas contas, como embalagem de transporte de peças, limpeza da associação, conta de luz e gastos eventuais. Sem patrocínio fica inviável a participação nesses eventos porque a venda das peças não é suficiente para custear esses gastos, por isso muitas vezes deixam de participar.

De um modo geral, não há fidelidade dos compradores de seus produtos, ou seja, não são sempre os mesmos. As associações pensam que obter um caminhão para o transporte das peças e do barro seria importante. Acreditam que é mais barato manter o caminhão do que pagar as viagens.

De maneira geral, boa parte dos artesãos/as têm no artesanato sua principal fonte de renda. A grande maioria são mulheres e afirmam que os maridos respeitam o trabalho e ajudam nas tarefas ligadas ao artesanato, compreendendo a necessidade das reuniões e viagens.

REFLETINDO UM POUCO MAIS...

Algumas reflexões sobre EPS

Após as apresentações, retornamos às idéias iniciais para refletir sobre como se percebia EPS antes e depois das discussões feitas à luz das visitas realizadas.

Constatamos que todos os elementos já apresentados anteriormente fazem parte do que é EPS. Porém, acrescentamos outros conceitos, como a solidariedade, o resgate social e cultural, o trabalho em grupo, a valorização de gênero, a compreensão e a valorização.

Outra questão levantada foi se os grandes empresários poderiam fazer parte da EPS, já que as grandes empresas apresentam projetos sociais. É preciso estar claro o objetivo desses "projetos sociais" oferecidos pelas empresas. São realizados para fazer boa propaganda da empresa, além disso, muitas vezes o

governo deixa de cobrar alguns impostos das empresas com esse tipo de projeto. O principal foco desses empreendimentos é o aumento do lucro nas mãos de poucos e a exploração da mão-de-obra do trabalhador/a. É essa lógica de produção que sustenta o sistema capitalista.

É preciso ter cuidado ao analisar quem pratica EPS, pois há vários critérios e princípios relacionados à EPS. Todo empreendimento pode conter um desses critérios, mas isso não significa, necessariamente, que se esteja praticando EPS. Para se ter mais clareza e confiança nos empreendimentos de EPS devemos analisar as experiências a partir dos princípios tão falados - solidariedade, cooperação, autogestão e atividade econômica.

Podemos resgatar um exemplo de uma prática de EPS comentado durante o encontro: a venda coletiva do café que ocorreu em Araponga. Os agricultores/as de café juntaram sua produção de café até completar uma carga para viabilizar a venda. Um desses agricultores recebeu a oferta de vender sua produção separada por um preço melhor, já que apresentava melhor qualidade e a maioria dos sacos lhe pertencia. Esse agricultor, tendo consciência de todo o processo de venda, optou por não vender separado para não prejudicar os demais agricultores associados. Se ele vendesse seu café separado, iria comprometer toda a venda dos outros agricultores, já que não teria carga suficiente, inviabilizando a venda coletiva.

Esse exemplo demonstra a solidariedade e cooperação entre as pessoas, o que possibilita o desenvolvimento da atividade econômica para todos. Se o individualismo fosse priorizado não seria possível falar em economia popular e solidária.

O que EPS tem a ver com Agroecologia?

A agroecologia trabalha com princípios como a sustentabilidade ambiental, social e econômica a partir de aspectos como: a interação do ser humano com a natureza de forma harmoniosa; o resgate dos conhecimentos tradicionais e da cultura das famílias; o equilíbrio das relações sociais entre homens, mulheres, crianças e idosos; e o desenvolvimento local a partir do fortalecimento da agricultura familiar.

Na agroecologia todas essas coisas são pensadas juntas porque não é possível separar recursos naturais de atividade econômica para gerar qualidade de vida para as pessoas. Portanto, falar em agroecologia não é falar somente sobre a produção de alimentos, mas, também, da forma como está sendo feita essa produção e quem será beneficiado com tal trabalho. Esse produto terá maior qualidade, já que foi feito sem agredir o meio ambiente, além de respeitar a cultura local e valorizar as relações entre as pessoas. Assim sendo, as formas

de produzir, organizar e comercializar os produtos também são importantes dentro da agroecologia.

Por sua vez, a EPS parte de fortes princípios como a solidariedade, cooperação entre as pessoas e autonomia do trabalhador/a que é dono do seu próprio trabalho. Assim, as atividades econômicas buscam gerar qualidade de vida para as pessoas a partir de valores nobres. Para que isso aconteça, os agricultores/as têm que organizar sua produção e comercialização, coletivamente, e com respeito uns aos outros, buscando o bem comum nesse sistema tão excludente chamado capitalismo. A produção, comercialização e consumo devem ser conscientes.

A agroecologia e a EPS trabalham valores fortes, nobres e comuns. São coisas complementares que têm um objetivo comum: gerar vida com respeito à natureza e ao ser humano.

A propriedade da família da Anísia foi marcante para muitas pessoas porque ali estava uma família vivendo com qualidade e profundo respeito à natureza. A terra é a fonte de produção que gera alimentação da família: as plantas manejadas no SAF, o sistema de captação da água da chuva, sol como fonte de energia desse sistema, a produção de mel e da cana para a complementação da renda, o artesanato comercializado a partir de uma associação que valoriza a participação de todos nas decisões. Outro fator observado foi a coleta do lixo dessa propriedade, que estava em sacos de lixo seletivos.

O artesanato feito pela Anísia foi aprendido com sua mãe, um conhecimento passado de geração em geração. A família trabalha junta na propriedade e ajuda na produção do artesanato, que é sua principal fonte de renda. Outro fato que chamou atenção foi o Turismo Solidário, por meio do qual a família passará a receber em sua casa visitas para conhecer a comunidade. Em troca, essas visitas farão trabalhos para a comunidade, ou seja, haverá troca de conhecimentos.

Esse exemplo mostra os princípios da agroecologia e da EPS juntos, como o princípio da qualidade de vida, a autonomia, a sustentabilidade, a geração de renda, a comercialização responsável, o consumo consciente, o equilíbrio nas relações sociais, a cooperação, as parcerias, a solidariedade, o espírito de coletividade, a organização social, a atividade econômica solidária, responsabilidade socioambiental, dentre outros. É uma grande teia da vida!

Princípios capitalistas e os objetivos da EPS

Como sobreviver no sistema capitalista que tem como princípio a geração de lucro, o consumismo, a individualidade, a exploração da mão-de-obra?

Para sobreviver neste sistema capitalista temos que estar sempre "cultivando" o espírito de solidariedade, estabelecendo uma boa organização social, praticando a atividade econômica viável, estar fortalecidos coletivamente e ter confiança nos membros da nossa associação com participação ativa de todos/as.

Qual seria o preço justo atribuído aos produtos pela Economia Popular Solidária?

O preço justo é aquele que permite a manutenção da prática produtiva associado aos recursos que nos permitem viver com dignidade. Ou seja, é aquele preço que permite que uma família continue produzindo e vivendo com dignidade no campo. Portanto, a EPS busca uma renda que permita garantir a continuidade da vida com qualidade, a partir do trabalho coletivo e solidário em que o agricultor e a agricultora sejam donos da sua propriedade e da sua força de trabalho tendo, de fato, autonomia e poder de decisão.

Os estágios da organização social na EPS

Para a construção de uma associação ou cooperativa é preciso que a organização passe por uma série de estágios. Cada caso é um caso, mas em muitos casos acontecem coisas parecidas. Nesse sentido, os passos de desenvolvimento de uma associação e seus principais objetivos podem ser organizados para facilitar a reflexão:

1º Estágio - Conceitual

Estágio em que a associação é concebida ou criada. Nessa fase a gestão (ou administração) é constituída por um grupo de pessoas que tem um mesmo interesse, uma sensibilização em busca do mesmo ideal. Nesse estágio é decidido como será essa associação de acordo com os valores e princípios das pessoas.

2º Estágio - Organizativo

Estágio em que a associação torna-se uma organização social formal em torno do mesmo ideal. Momento de definir o local da instalação da associação e sua missão (objetivo de sua existência). Essa decisão deve ser tomada pelo grupo a partir dos valores comuns. É o momento em que se estabelece um pacto de compromisso entre os associados. Também serão definidos os objetivos e metas a serem alcançados sem deixar de lado o compromisso com os consumidores.

Esse estágio apresenta um risco que é de uma liderança carismática: uma pessoa que se relaciona bem com todos/as, mas que centraliza todas as informações e toma as decisões sozinha, colocar em risco todo o processo de gestão, pois essa forma de participação inibe a participação efetiva de todos os associados/as.

3º Estágio - Produtivo

Estágio em que a organização gera seus primeiros produtos ou serviços e relaciona-se com os clientes. Momento em que os/as associados/as geram seus primeiros produtos para colocar no mercado, ou seja, o primeiro contato com o "mercado". Há forte preocupação para a quantidade dos produtos, porém nem sempre se lembra de pensar na qualidade.

Nesse estágio será testado o compromisso dos associados/as com a gestão participativa, pois ainda não existem normas de como vai funcionar a associação e quem terá qual responsabilidade na associação. Por isso, é uma fase vulnerável ou instável quando aparecem os primeiros conflitos e os associados/as vão se conhecer melhor.

4º Estágio - Caçador

Nessa fase a associação desenvolve criatividade para pensar em estratégias ou formas de conquistar clientes e ampliar as vendas. A associação vai se organizar melhor para se inserir no "mercado" de maneira mais organizada, definindo qual o mercado mais apropriado, quais as estratégias de venda, como atrair os consumidores.

É um momento fundamental de avaliação do empenho das pessoas e do crescimento da associação, ou seja, planejar a produção e pensar melhor na organização da gestão (administração) da associação. Caso contrário, pode ter crescimento não planejado gerando problemas no futuro.

5º Estágio - Administrativo

Estágio em que a organização burocratiza-se porque passa a ter controles internos buscando organizar seu funcionamento. É o momento de rever a missão e os objetivos para definir o planejamento a longo prazo.

Nessa fase encontram-se dificuldades com essa burocracia. Outro desafio a ser vencido é que parte das lideranças já se profissionalizou para administrar a associação e deslocou-se da base, ou seja, afastou-se dos/as associados/as e isso causa um conflito interno. Nesse momento, os valores comuns, os princípios da EPS e a participação efetiva dos associados/as é que podem garantir a continuidade da associação de forma legítima.

6º Estágio - Democrático

Após ter tido momentos de conflitos, em que os valores foram testados, ocorre amadurecimento da associação. Nessa fase, haverá forte preocupação com a inclusão social, a participação efetiva de todos associados/as, a democracia interna, ou seja, o desenvolvimento construído, coletivamente e socialmente, com qualidade, tendo-se fortalecimento da solidariedade e

chegando, de fato, à **autogestão**.

7º Estágio - Participativo

Estágio em que o desenvolvimento socioambiental, econômico, participativo e sustentável está consolidado na associação, o que a fortalece e permite dar suporte a outras instituições.

Geralmente, é nessa fase que se chega a uma relação madura e forte o suficiente para realizar de fato a EPS com seus valores e princípios. A caminhada é longa.

Todos os estágios apresentam pontos cruciais, mas isso não significa que uma associação tem que passar, necessariamente, por todos os passos como foi colocado, pois cada associação tem sua particularidade!

A PROSA NÃO PÁRA POR AQUI...

Ao final do encontro foram definidas algumas ações para pensar a EPS na região de cada EFA. Também foi preparado o Plano de Estudo para o próximo encontro temático.

Atividades de retorno na volta para as EFAs:

- Conhecer EPS na realidade de sua região, ou seja, quais empreendimentos de EPS estão presentes na região.
- Como está a associação da EFA? Qual o estágio em que ela se encontra? Como está o regimento interno? O estatuto está sendo discutido? Quais as parcerias estabelecidas e a discussão entre elas?
- Como incorporar de melhor maneira a EPS no Plano de Estudo? Pensar também no Plano de Formação, no Projeto Político Pedagógico, no Projeto de Vida do Jovem e na Formação das Famílias.

Referências Bibliográficas:

- FERRAZZA, Regel Antônio. **Aspectos Jurídicos e Tributários do cooperativismo**. 1ª versão. Viçosa: UFV. Pós-Graduação em Cooperativismo, 2006.
- FERREIRA, Delson. **Manual de Sociologia: dos clássicos à sociedade da informação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- ITCP-USP. **A Gestão na autogestão na economia solidária: contribuições iniciais/Organização Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo. Núcleo de Gestão da ITCP-USP**. Porto Alegre: Cabrália; São Paulo: ITCP-USP, 2007.
- LAKATOS, E. M. **Sociologia Geral**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1978.
- LOWY, Michael. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 1985.
- MANCE, Euclides André (org). **Como organizar redes solidárias**. Rio de Janeiro: DP&A, Fase, IFIL, 2003.
- MTE - SENAES. **Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005**. Brasília: MTE, SENAES, 2006.
- SINGER, P. **Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas**. 3 ed. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

ANEXO I - Metodologias utilizadas ao longo do encontro.

Dinâmica de apresentação

Os/as participantes do encontro começaram a andar desordenadamente pelo salão e pararam ao sinal do coordenador que pediu que fossem formadas duplas entre as pessoas que estavam mais próximas. As duplas tiveram 10 minutos para se conhecerem (nome, local de origem, história de vida, com o que trabalha etc.). Em seguida, cada dupla se apresentou de maneira invertida, ou seja, como se um fosse o outro, de forma que cada pessoa se apresentava com a identidade da pessoa que acabara de conhecer e contava para a roda quem era aquela pessoa.

Após a dinâmica, foi feita a apresentação dos anfitriões da casa - equipe da EFAT - que deram boas vindas e se colocaram a disposição no que fosse necessário.

Chuva de idéias

A discussão sobre EPS foi iniciada com uma chuva de idéias, onde todos/as participaram respondendo às perguntas. As falas foram organizadas em tarjetas e fixadas na parede para que pudessem ser visualizadas por todos/as e serem pensadas no decorrer do encontro. O momento contou com as seguintes perguntas geradoras: O que é Economia Popular Solidária - EPS? O que conhecemos como EPS?

Passeio pela cozinha da EFAT

Após a discussão sobre EPS fomos para um breve passeio na cozinha da EFAT para observar: que produtos havia na cozinha/ qual a origem dos mesmos/ como e por quem foram produzidos/ como foram adquiridos/ qual foi o custo/ perceber a cadeia produtiva - o caminho dos alimentos.

O objetivo deste momento foi instigar a curiosidade e despertar os questionamentos para animar o debate inicial sobre EPS.

Dinâmica do bombom

Foi sugerido que os/as participantes se dividissem em quatro grupos de, aproximadamente, oito membros cada, de acordo com os princípios da EPS (cooperação, solidariedade, autogestão e atividade econômica), onde se procurou equilibrar: gênero, geração e representantes de diferentes EFA's. Os

integrantes do grupo Cooperação foram identificados com uma fita (pulseira) amarrada no braço de cor azul, o grupo Solidariedade com uma fita de cor vermelha, o grupo Autogestão com uma fita de cor amarela e o grupo Atividade Econômica com uma fita de cor verde.

Após a divisão dos grupos foi realizada a dinâmica dos bombons, onde os integrantes de cada grupo foram amarrados entre si com barbante. A locomoção e qualquer movimento a ser realizado eram dependentes da ação em conjunto.

Foram amarrados alguns bombons nas árvores presentes no local (um número menor do que a quantidade total de participantes). Em seguida, os membros de um mesmo grupo foram amarrados uns aos outros, utilizando-se barbante, de modo que tivessem dificuldade de locomoção e se movimentassem apenas conjuntamente. Feito isso com cada um dos quatro grupos, autorizou-se que os grupos capturassem, ao mesmo tempo, os bombons amarrados em diferentes lugares, sendo eliminado o grupo que cortasse as amarras de barbante.

Dois grupos pegaram maior quantidade de bombons que os demais. Ao final observou-se a definição dos grupos em relação à divisão, ou não, de bombons e feita uma análise relacionada aos princípios da EPS.

Resgate do dia anterior

No início de cada manhã, foram realizadas em grupos (definidos desde a dinâmica do bombom) um resgate do conteúdo do dia anterior a fim de sanar as dúvidas. Em seguida, essas dúvidas eram trazidas para a plenária e discutidas.

Visitas orientadas

Foram realizadas visitas com o objetivo de trocar experiências a partir da realidade de Turmalina, possibilitando a construção coletiva de conhecimentos. Vários aspectos relacionados a fragilidades e potencialidades dos sistemas e experiências de vida foram observados. Os participantes foram livres para observar e questionar vários assuntos, ficando mais atentos com questões relacionadas aos roteiros dos temas relacionados a cada grupo (solidariedade, cooperação, autogestão, atividade econômica) para posterior discussão coletiva.

As visitas foram:

- visita ao CAV e sua área experimental;
- visita à área da EFAT - Escola Família Agroindustrial de Turmalina;
- visita à CEART - Centro de Educação e Arte por Alternância de Turmalina;

- visita a propriedade da Anísia e do Mauro;
- Visita à Associação Comunitária de Campo Alegre

Roteiro das visitas:

Grupo 1 (Solidariedade) - Quem são as pessoas/famílias associadas (parentes, amigos, vizinhos, etc.)? Como se dá a distribuição dos ganhos obtidos pela organização? Observar a condição de vida dos participantes da associação. Há preocupação por parte da associação com a comunidade como um todo (com pessoas que não participam da associação)? A associação se envolve com outras questões locais?

Grupo 2 (Cooperação) - Por que e como surgiu a associação? Quais são os objetivos da associação? Qual é o critério de participação de cooperativa, para as pessoas se associarem? Quais as ações realizadas pela associação? Como se consegue a matéria-prima? Como é realizada a fabricação dos produtos (individual ou coletivo)?

Grupo 3 (Autogestão) - Quem toma as decisões dentro da associação? Como são tomadas essas decisões? As decisões são socializadas entre todos os membros da associação? Quais são as dificuldades encontradas na gestão diariamente (aspectos legais, externos ou internos)?

Grupo 4 (Atividade Econômica) - A associação tem se viabilizado economicamente? Qual tem sido o ganho mensal da associação? E das famílias associadas? Quem trabalha pela associação em prol do coletivo tem ganhos diferenciados? Onde e como são obtidos os recursos produtivos (barro, cana, etc.)? Onde e como é feita a comercialização? Quem arca com os custos da comercialização? Quais as condições financeiras para manter a associação (fundos e outros)?

Dinâmica da Confiança

Para trabalhar a confiança no grupo foi feito a dinâmica do João-bobo. Foram formados grupos de três pessoas, sendo que uma ficou no centro de uma dupla. A dupla foi responsável por segurar o companheiro/a do centro enquanto ele se jogava cuidadosamente para um lado e para o outro, confiando, sempre, que alguém estaria dando apoio não o deixando cair. As pessoas de cada grupo se revezavam para que todos/as pudessem vivenciar a dinâmica.

Dinâmica do Passarinho, Ninho e Natureza.

A dinâmica do Passarinho, Ninho e Natureza foi realizada para animar o grupo. Os mesmos grupos se organizavam formando um ninho com duas pessoas de mãos dadas e um passarinho dentro desse ninho. O coordenador dizia passarinho para a mudança de ninho; ninho para se revezarem os ninhos; e natureza onde todos os papéis eram invertidos. Como havia sempre uma pessoa a mais era preciso correr para não ficar de fora. Quem ficava de fora dava o próximo comando e entrava de novo na brincadeira.

Também houve momentos de cantoria para animar o grupo, especialmente após o almoço.

Trabalho em grupo para preparar apresentação da reflexão feita a partir dos roteiros de visita orientada para fechamento do módulo

Os grupos se reuniram para discutir as questões dos roteiros de visitas, refletir sobre as visitas feitas no dia anterior e os princípios da EPS observados. Para apresentação, cada grupo preparou um cartaz feito com colagem de recortes de revistas. Após as apresentações na plenária foi feito um debate sobre desafios e alternativas das experiências visitadas.

Em alguns momentos do encontro foram utilizados "cochichos" (conversas rápidas) em duplas e trios para dinamizar as plenárias e possibilitar maior participação de todos/as.

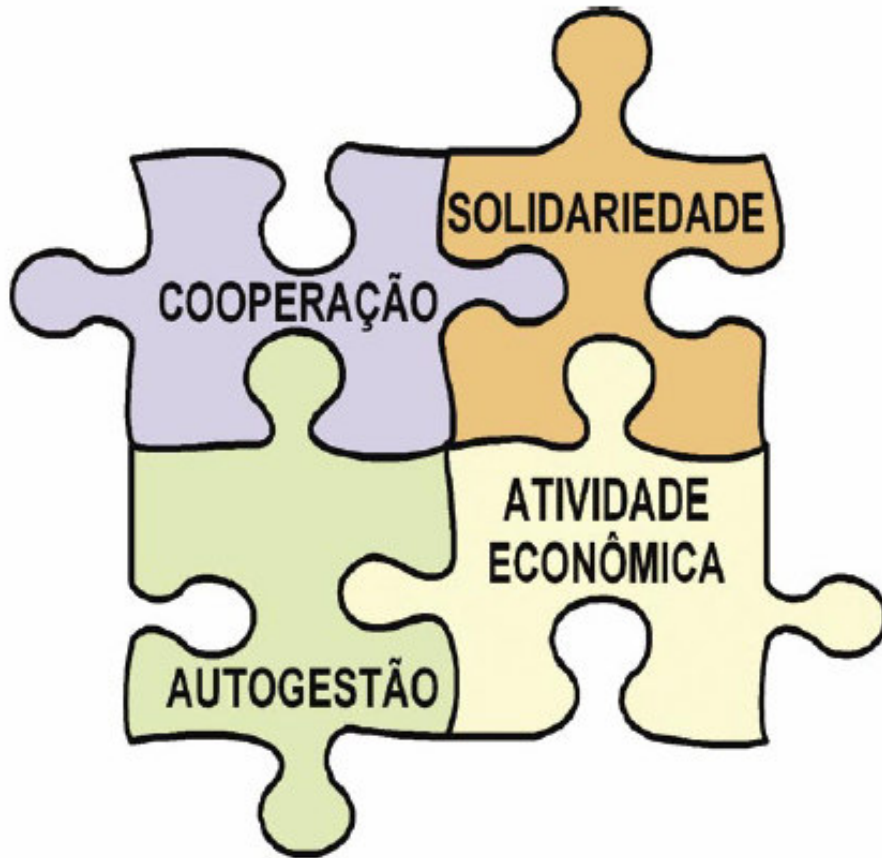
Ao início de cada dia foram realizadas místicas para reflexão coletiva de valores. Grupos de monitores/as ficaram responsáveis pela preparação e coordenação das místicas, o que possibilitou maior entrosamento entre os mesmos/as e maior participação na construção do encontro.

Foi realizada uma feira de livros e sementes durante o encontro. Ao final de cada dia houve um momento de confraternização do grupo.

Avaliação Final

A avaliação final foi escrita individualmente, podendo avaliar pontos como a infra-estrutura, a metodologia utilizada, o tema abordado, e outros.

Formação de Monitores de Escolas Família Agrícola de Minas Gerais em Agroecologia



Projeto:

Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável como base para as Escolas Família Agrícola de Minas Gerais

Apoio Financeiro:

FAPEMIG

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais



Secretaria da Agricultura Familiar
Ministério do Desenvolvimento Agrário

Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome

